

AUTORES & LIVROS

Ano III
4/4/1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Número 11

Notícia sobre Julio Ribeiro

Julio Cesar Ribeiro nasceu em Sabará, Minas Gerais, em 12 de abril de 1915. Era filho de George Washington Vauclain, cidadão dos Estados Unidos, casado em Virginia, e de Maria Francisca Ribeiro, professora em Minas. Nas aulas de D. Maria Francisca fez os estudos primários, matriculando-se depois em um colégio. Deixou-o para estudar na Escola Militar de Janeiro, em 1932. Depois depois interrompia os estudos na Escola, para se matricular em São Paulo, no Instituto de Letras. Tinha adquirido nesta atividade, os mais variados recursos: conhecia o latim e o grego, tinha familiaridade com as línguas francesa, inglesa, italiana e alemã. Além disso estudava música. Era também um apaixonado colecionador de objetos de arte e possuía uma boa coleção de numismática.

Concorreu para o Curso de Direito da Faculdade de Direito de São Paulo, na cadeira de Direito Penal, durante a Monarquia e a República — de cuja instituição tinha sido um dos maiores de real prestígio — tendo obtido de retórica o Instituto de Instrução Secundária, em substituição ao bário de

o escritor faleceu tuberculoso em 1 de novembro de 1939.

Foram os traços principais da vida de Julio Ribeiro. Embora simples e ligeira, como se vê. Porque nele o pessoal e o alto significado de uma sucessão dos dias que vivem, mas a bela, fecunda vida que construiu.

Outros aspectos principais podem encontrar na personalidade desse escritor: o do romancista — o do jornalista, que se casou com o do polemista e o do filólogo.

Como romancista, Julio Ribeiro deixou dois livros — "A Carne" e "O Homem". "A Carne", o primeiro — "romancista histórico original", como a sua página de título o caracteriza — é uma história da época do Brasil colonial, e o segundo o compõe, "sem plano definido, sem seguir escola, sem preocupação de espécie alguma, de modo para encher o espaço de um periódico" que redigira em Sorocaba. Quando pronta a sua primeira parte, Julio Ribeiro teve que ausentar-se de jornalismo. Fez, então, em carta, uma proposta ao editor Garnier, para que lhe editasse o livro. Foi aceita com uma condição — a de que não seria lido pelo escritor o seu trabalho. Julio Ribeiro aceitou a condição, e mandou que o serviço de composição fosse iniciada. Nova carta de Garnier, comunicando que só daria o texto em enviados todos os originais. Julio Ribeiro dispunha-se a deixar o livro dormir no fundo de uma gaveta, quando lhe apareceu um amigo presbiteriano, Francisco Quirino dos Santos, que tomou a si o encargo de editar o "Padre Bel-

chior de Pontes". O romance obteve êxito, e estava em 1925 em terceira edição (Companhia Gráfica Editora Montecarlo Lokato).

"A Carne", porém, é que constituiu o grande êxito de Julio Ribeiro, e com ela é que o escritor ficou incorporado à lavoura dos principais romancistas nacionais. Esse romance apareceu em 1928, quando o naturalismo já havia produzido no Brasil alguns dos seus melhores frutos. Basta lembrar, na obra de Aluizio de Azevedo, "O Mulato", de 1881, e "O Homem", de 1887. Julio Ribeiro trouxe novos recursos no romance naturalista, procurando introduzir nele certas análises que melhor ficariam em monografias médicas. O tom geral do livro, a clareza de linhas de suas páginas, que no momento pareciam aos leitores impregnadas de uma maliciosa preocupação de exibições sexuais, provocaram a irritação de muita gente. Vários críticos, e entre estes José Veríssimo e Alfredo Pujol, atacaram "A Carne". Mas o ataque principal que lhe foi feito escreveu-o o padre Sena Freitas, em seu artigo "A Carne" publicado no "Diário Mercantil". Esse padre Sena Freitas era um português que viera residir no Brasil, trazendo publicados alguns livros. A um desses livros fizera Camilo Castelo Branco um prefácio. Tendo escrito um artigo contra Guerra Junqueiro, a propósito da "Velhice do Padre Eterno", recebeu do poeta um revide tremendo. Em uma de suas estrofas, Junqueiro lhe dizia:

O malandro sagrado, ó Padre Sena Freitas, que tens deviam fazer-te feitas Não sobre a nuca, mas, ó Padre, nessa crina, Levita de albardão, jumento de batina.

Pois o padre Sena Freitas desancou aquilo que se chamava "A Carne". Imagine-se num espírito orgulhoso e ativo como o de Julio Ribeiro — republicano, inimigo peírrimo de botinas, benetizado de funções convicções liberais — imagine-se o efeito que produziu tal crítica! O romancista escreveu uma série de artigos, intitulados "O Urubá-Sena Freitas", em que não só se defendeu das acusações que lhe eram feitas — mas reduziu o padre a nada em todos os terrenos. Uma liquidação total... Esse memorável episódio está recolhido ao livro "Uma Polêmica Célebre" (Edições Culturais Brasileira). "A Carne" era mais, era muito mais do que queriam ver os críticos do momento em que ele apareceu. Não era "um romance simplesmente obsceno", como dizia Pujol, nem era um romance cortado de episódios ridículos, como o insinuava Veríssimo. Com todos os defeitos que nele poderemos achar, é um dos bons romances brasileiros. Recomendemos o leitor para a página em que Manuel Bandeira

analisou o romance de Julio Ribeiro, porque nos parece que esse escritor — que hoje ocupa a cadeira de que é patrono o autor de "A Carne" — conseguiu fazer completa justiça ao famoso romancista e ao seu famoso romance.

Aludimos à polémica de Julio Ribeiro com o padre Sena Freitas, e com essa alusão tocamos, no segundo aspecto do escritor — o seu aspecto de jornalista, o seu aspecto de polemista. Esse talvez tenha sido o seu campo de atividade intelectual mais constante. Julio Ribeiro foi proprietário e diretor de vários jornais como o "Sorocabino", de Sorocaba, (1870-1872); "A Procelária" de São Paulo (1887), "O Rebate", também de São Paulo (1888). Também colaborou no "Estado de São Paulo" na "Gazeta do Povo", da capital paulista, no "Diário Mercantil", da mesma cidade na "Gazeta de Campinas", no "Almanaque de S. Paulo", Nesses vários jornais, dava seus excelentes estudos sobre assuntos de filologia, arqueologia e erudição em geral, como o que estampou no "Almanaque de S. Paulo" em 1877, acerca dos "Fenícios no Brasil"; e dava os seus artigos de propaganda republicana. Principalmente estes. Julio Ribeiro era um articulista primoroso, escrevendo sempre numa língua perfeita, num estilo digno de todos os elogios. E era também um áspere, dizeiro de verdades. E é próprio sabia caracterizar-se: "Eu tenho reputação feita de escritor agressivo, de escritor virulento... Virulento, sou; agressivo, não". Mas era, de fato, também agressivo... E o era tanto na tribuna jornalística, quando, na vida diária... Na tribuna jornalística sobejam os exemplos. O Padre Sena Freitas que o diga: "... Sena Freitas tem tromba. Sena Freitas metamorfoseia-se. Já não é equivo, fica sendo sulho; deixa de ser besta, passa a ser PORCO!" ("Uma polémica célebre" pág. 132) Na vida suas violências, suas agressões são semelhantes. Ouçamos esse episódio contado por Medeiros e Albuquerque: "Pouco depois da proclamação da República, veiu de São Paulo ao Rio o filólogo e romancista Julio Ribeiro, que sempre fora um ardente republicano. Chegando, dirigiu-se ao Ministério do Exterior afim de ver Quintino que conhecia de muito tempo. Entrou estabranadado, e com toda a firmeza, sacudiu com toda a firmeza a mão do ministro, felicitações pela realização do grande trabalho comum, e instalou-se disposto a uma grande palestra. Quintino, que estava com muito trabalho, puxou o relógio disse: he que se achava ocupado e acrescentou que tinha apenas cinco minutos para atender-lhe. Embora tudo isso fosse feito com a mais fina e mais impetuosa polidez de que o grande chefe republicano seria incapaz de se desviar Julio Ribeiro sentiu-se estomagado, e a evocação de cinco minutos de prazo, respondeu imediatamente, pouco se deu de um impeto: "Estão esgotados... Vá para

(Continua na pág. 163)



JULIO RIBEIRO

SUMÁRIO

PAGINA 161:	— Notícia sobre Julio Ribeiro.	um livro em preparo), de Origenes Lessa.
PAGINA 162:	— Retrato de Julio Ribeiro (Trecho de estudo), de Manuel Bandeira.	— S. Paulo e o Norte, de Julio Ribeiro.
	— Uma poesia de Theophilus Diaz. — Procelária, de Julio Ribeiro.	— Deslembra de Republicano, de Julio Ribeiro.
PAGINA 163:	— A Casacavel, de Julio Ribeiro.	— As coisas belas, de Julio Ribeiro.
	— Negacões filosófica, de Julio Ribeiro.	PAGINA 170:
PAGINA 164:	— Correspondência de escritores. Uma carta de Julio Ribeiro (fac-símile de autógrafa).	— Lenita, de Julio Ribeiro.
	— Flocos, de Arthur Azevedo.	— Paisagem tropical, de Julio Ribeiro.
	— A Procelária, de Julio Ribeiro.	— Julio Ribeiro, definido por Julio Ribeiro.
	— Banho de Lenita, de Julio Ribeiro.	PAGINA 171:
PAGINA 165:	— Varão do Lutas, de Aires da Mata Machado Filho.	— Retrospecto minero, de João Alphonso.
	— O Bacalhau, de Julio Ribeiro.	— Antero — II, de Carlos de Assis Pereira.
	— Programa de ação literária, de Julio Ribeiro.	PAGINA 172:
PAGINA 166:	— Perjú de Ramalho Ortigão, de Julio Ribeiro.	— Poesia e Suicídio, de Mucio Leão.
	— Nos tempos de Julio Ribeiro, de Herbert Parente Fortes.	— Notícias, poema de Carlos Drummond de Andrade.
PAGINA 167:	— Inquietação da Carne, de Julio Ribeiro.	— Loucura, sofrimento e poesia, de Dante Milano.
PAGINA 168:	— A festa dos Negros, de Julio Ribeiro.	PAGINA 173:
	— Dedicatória de "A Carne", de Julio Ribeiro.	— Notas de um estudante. A Juventude prometeia o-4 Velho, de João Ribeiro.
	— Os "Lusadas" e Comêdes, (Por ocasião do tricentário), de Julio Ribeiro.	PAGINAS 174, 175 e 176:
PAGINA 169:	— Julio Ribeiro (Capítulo de	— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, 2ª Série — Antologia da Prosa. — V — Oliveira Vianna.
		— Oliveira Vianna (nota biográfica, com um traço de Pacheco).
		— Bibliografia de Oliveira Vianna.
		— Algumas fontes sobre Oliveira Vianna.
		— Função política das populações do Centro-Sul.
		— Meditação sobre o classicismo.
		— História do povo inglês.
		— O Cavalo e o Pampa.
		— A arte de Alberto de Oliveira.
		— Fac-símile de um autógrafa de Oliveira Vianna.

Retrato de Julio Ribeiro -- (Trecho de estudo) Manuel Bandeira

Na hora atual, em que os estudos de Gramática são considerados com particular interesse de professores e alunos, não é estranho que se tenham publicado, em nossa literatura, obras de Gramática que possam ser consideradas como necessárias e úteis para o ensino de Gramática.

Da primeira delas, em que se trata de uma obra de Gramática de estilo moderno, capaz não somente de ensinar a Gramática, mas também de servir como ponto de partida para o estudo de Gramática. A obra de Gramática de estilo moderno, em que se trata de uma obra de Gramática de estilo moderno, capaz não somente de ensinar a Gramática, mas também de servir como ponto de partida para o estudo de Gramática.

afirmação de elaboração das propostas obrigatórias. Nesse ponto encontra-se Julio Ribeiro, em sua gramática, adaptada ao sistema português. Mas despretensivamente, não muito bruscamente, já não fala em "Padre Belchior de Pontes", que é de 76, mas de "A Carne", onde se encontram construções como "que teite-se", "que dobram-se-lhe".

Max, falando do patrono de minha cadeira, não quero insistir na questão gramatical, a que foi levado, penso eu, pelo seu amor das palavras. Não temo que a todos os domínios da vida — as faculdades dos indivíduos, as linguagens do povo nos idiomas estrangeiros, as normas da moda. Valeu-se com abundância de brasileirismos: rola; e inclui-se nos depararam em seus romances a "carandá" (sala de jantar), a "poranga" (o "chalo" ou "cambulo"), a "bita", a "entregado" (era quanto), "desmarrado", "atambora", "remurruque", "rostiti" (estrepiti) etc. Ao lado dessas formas brasileiras, não hesitava em usar romances a "carandá" (sala de jantar), a "poranga" (o "chalo" ou "cambulo"), a "bita", a "entregado" (era quanto), "desmarrado", "atambora", "remurruque", "rostiti" (estrepiti) etc.

Esse amor das palavras, e mais o gosto do proibido, não lhe consentiam limitar-se nas suas definições ao uso das expressões genéricas (isto do hábito dos brasileiros).

O brasileiro nomeia a polmeira, a bananeira, a mangueira, e quase todas as outras espécies não para ele "arvore", ou, como na Norde, "pe de pau". Já another Apocrita: "The Brazilians seem to remain in bilingual ignorance of systematic nomenclature; to mistak their air flowers are "flores", all animals, from a pig up to a whale or an elephant, "bicho".

Nas descrições, tantas vezes soberbas, de Julio Ribeiro as palavras essenciais floreadas como parcerem com as suas palavras e, caracterizando a paisagem, as suas fluminações: "Perças gigantescas de fundo escuro e cava rugosa; fequidada secular, esparramando no azul do céu o espanso verde de suas copadas alegres; figueiras brancas de ramos chatos, prostradas, a estender um linco horizontalmente, os galhos desconformes, como grandes membros aleijados; rachins de folhas espiraladas, a distilar pelas fibras do córtex vermelho-escuro um leite edulcico, venenoso; guardanetas esbeltas, lisos no tronco, miolo etreados, jacturas claras; pau-de-alho verde-negros, viscosissimos, felidos; guaiacops perfumados, abruilhados em aculeas lancinantes e peçonhentas; mil linhas, mil tropicidades, mil orguidas diversas, de flores rosas, amarelas, azues, esmeraldas brancas..."

Enganaram-se aqueles que viviam na "Gramática Portuguesa" o melhor fundamento da remotação de Julio Ribeiro. A sua gramática encetava, suprendida entre nós pelos estudos de São Sil, Maria Barreto, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Gloria Monteiro. O Julio Ribeiro que vive ainda é o romancista de "Padre Belchior de Pontes" e de "A Carne", o jornalista das "Cartas Sertanejas" e da "Procelária". "A Carne" teve em 1938 a sua décimo-quinta edição. Erram os que atribuem tal sobrevivência ao tema usado nos episódios escritos do livro. Não há dúvida em padre Belchior de Pontes", e este foi ainda ultimamente reeditado pela quarta vez. Faz poucos anos também foram republicadas as suas "Cartas Sertanejas" e impressos pela primeira vez em livro uma seleção de artigos de "A Procelária". Estas duas últimas edições esgotaram-se logo e hoje não se encontra exemplar delas, nem nos alfur-

rabular. A biblioteca da Academia de Letras de São Paulo possui a obra de Julio Ribeiro na Biblioteca Nacional.

A imprensa foi Julio Ribeiro levado por motivo de ordem moral. "O homem", escreveu ele "que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve e que não diz o seu compatriota e que entende ser a verdade, deira de cumprir um dever, comete o crime de covardia, e mata a si mesmo". Em matéria política a verdade para Julio Ribeiro estava na forma republicana. Assim, em São Paulo, em 46, era nas manifestações de adesão da Pousa Alta, por ele denunciadas num capítulo de "Padre Belchior de Pontes", mas desde 43 integrado na vida paulista como um pacifista de 400 anos, filho de republicano com o nome de família (Vaughan), inscrito no livro de ouro dos fundadores da grande república norte-americana. Julio Ribeiro, republicano desde que começou a pensar em politica, associou-se logo de todo o coração aos pioneiros da propaganda republicana em São Paulo. Em Sorocaba organizou partido e por quasi dois anos sustentou com grandes sacrificios uma folha republicana, na qual desde o dia 25 de janeiro de 72 não se admitiam anúncios sobre eleições locais. Nessa folha, como depois na "Procelária", revelou-se Julio Ribeiro jornalista completo, pois não se limitava aos artigos de doutrina politica; ocupava-se o pouco de ludo. Vimos que o romance "Padre Belchior de Pontes" começou a ser escrito para ser escrito na folha de Sorocaba. Na "Procelária" o jornalista tratava um dia da cerimônia oficial, entre das armas de fogo, outro ainda de um manuscrito lido de "O Hispano" que lhe fura parás os ndos. Este ultimo estudo se reveste de grande interesse. Onde parara, inaproveitado até hoje, esse manuscrito, que, segundo julga Julio Ribeiro, além de ter nove cantos, apresenta, so no primeiro, 262 versos e mais dois que veem na edição Ramus Coelho, a mais completa?

O caráter reto, franco e corajoso de Julio Ribeiro conduziu-o a polémica com os seus companheiros de credo politico quando estes muerredaram por caminho que ao romancista de "A Carne" se afigurava uma quebra do ideal republicano. Julio Ribeiro foi um dos primeiros desolvidos não da República, mas dos republicanos paulistas. Atacou-os, como dizia, "com um gozo forte e viril, gozo calmo de cirurgião impiedoso que, evasmente, imperturbavelmente corta por carnes sangrentas, por ossos cartilagos, surdo aos gritos lastimosos do paciente, superior às injustiças incoerentes arrancadas pela dor". A adesão dos chefes republicanos paulistas ao projeto Dantas pareceu-lhe "desvirtuado oportunismo", o reconhecimento de Campos Sales e Prudente de Morais como deputados vitória de grapo, euforia eleitoral, não vitória politica. Denunciou então no partido republicano paulista a sua origem esmerocrita. "Forçado", escreveu nas "Cartas Sertanejas", "a pronunciar-se sobre a questão servil, fe-lo dubia torpemente, proeuando, de maromba em punho, afirmar em teoria e negar na prática, fingindo-se abolicionista e consagrando princípios negretas dando arez de ader a imposição dos tempos e efeti-

amente resistindo á torrente". O motivo do dissídio de Julio Ribeiro estava em lhe faltar aquele dom de acomodação, de concessão que tem distinguído as grandes vocações politicas no Brasil. Era um homem intencio, que lembrava em sua transigir, em não fazer a minima concessão. Pretendia derrogar-se unicamente pela rejeição e abolicionismo de ordem sentimental, pelo que chamava "filonegriismo ridículo"; a abolição para ele era uma imposição dos fatos, uma necessidade social, impercindível, que apropriaria muito ao preto, mas que apropriaria infinitamente mais ao branco. "Se e justo", escreveu, "que o escravo se liberte do senhor, é necessário, absolutamente necessário, que as classes livres se liberte do escravo". A abolição imediata poderia ser um mal para a economia de grandes zonas do país; não o seria, e não o foi, para São Paulo. Era o que importava a Julio Ribeiro, decididamente partidário da separação da provincia.

Rude franqueza, mas sempre bem intencionada, foi a principal característica de Julio Ribeiro em toda a sua vida e de que encontramos exemplos no trato cotidiano do homem com os seus amigos. Assim no episódio com Quintino Bonfina, contado por Medeiros e Albuquerque em suas "Memórias". Assim com Valente Maranhão, que, tendo publicado um arti-

culo sobre filologia, recebeu muito louvor em grande parte. — "Que foi, mestre?" — "Um mestre respondeu de tudo." — "Tudo errado? Tudo certo?" — "Escrita a sua letra, mas não se mista a escrita, que não se mista a escrita, que não se mista a escrita." — "Foi assim, verdade, mas sempre bem intencionada, foi a principal característica de Julio Ribeiro em toda a sua vida e de que encontramos exemplos no trato cotidiano do homem com os seus amigos. Assim no episódio com Quintino Bonfina, contado por Medeiros e Albuquerque em suas "Memórias". Assim com Valente Maranhão, que, tendo publicado um arti-

culo sobre filologia, recebeu muito louvor em grande parte. — "Que foi, mestre?" — "Um mestre respondeu de tudo." — "Tudo errado? Tudo certo?" — "Escrita a sua letra, mas não se mista a escrita, que não se mista a escrita, que não se mista a escrita." — "Foi assim, verdade, mas sempre bem intencionada, foi a principal característica de Julio Ribeiro em toda a sua vida e de que encontramos exemplos no trato cotidiano do homem com os seus amigos. Assim no episódio com Quintino Bonfina, contado por Medeiros e Albuquerque em suas "Memórias". Assim com Valente Maranhão, que, tendo publicado um arti-

culo sobre filologia, recebeu muito louvor em grande parte.

UMA POESIA DE THEOPHILO DIAS - Julio Ribeiro

23 de Janeiro de 1897

O criador da Matilha, o mais correto dos atuais poetas brasileiros, Theophilo Dias, tradutor para alexandrinos sonoros da prosa despretada do nosso primeiro editorial. Temos o prazer de oferecer aos nossos leitores esta peça admirável. E damos ao nosso lugar de honra: "a louz sempre foi honra".

PROCELARIAS

(A Julio Ribeiro)

Respondendo á flor de um mar sem raiar, largo e plano, Um salco de ouro e luz — leve o canção panu Ao galerno foga, que as levas arredáda, O narzo veloz rechina de onda em orão E transparente e vivo; lizo o mar; cinto o espaço; E do texto e da raga ao ritmo, no compasso Que faz rolar sobre um — outro ludo — e pupila Do gazeiro perseruda a rastiada braxcala, Criado no horizonte o olhar profundo e agudo.

Tudo é limpo, azul; é paz, bonança tudo.

Mas eis que de impruica umas tres estrochas, Que parecem o róz arrancar das enlancha Do horizonte longuinho, dando ha pouca razão, Em nuvens sobrevoa, demandando a narzo Moqueadas de negro, andares, apovadas, Confornam o moquea e as sergas alancadas, Sinistras pipilando entre as veias redondas, Rasando a superficie inférmina das ondas.

São elas que lá veem, as procelárias! — Loon, Esuforecendo, o mar vibra sulzar e fopo; Torna-se escuro o ar, negro o céu e a terminia, De subito caído, horribosa rechina, Pesa no espaço a treva; estufiam os ventos; Corram a escuridão relampagos sangentos. A voz do temporal desfeito sobrepua A grita de terror, que levanta a maréja, Ao tenebruso céu, transida de acossa, Mas, renascendo a calma e repantando o dia, Na deserta amplitude das vagas solfárias, Té onde alcança o olhar, já não há procelárias.

Assim veem, assim são as bravas procelárias, Afrontando o furor das tormentas marinárias; Dendechouas da paz, fugindo á caninharia; Libradas nos lufões. — A lufa em neblina Os géntis são assim; como as filhas do oceano, Fatram sobre os bulhões o pensamento humano, Arrostando do mal a infrene terpestatia, — Precursoras do bem, e nãdas de verdade, O torpor lhes repugna; o combate os convicia; Só a lufa os atrai — porque a lufa é a vida.

(Julio Ribeiro — "Procelárias")

Theophilo Dias

A CASCAVEL - Julio Ribeiro

Bibliografia de Julio Ribeiro - Arthur Mota

... fez um movimento r...
... e ficou em uma...
... do seu pé. Ao mesmo...
... uma como chiclo...
... arrastou-lhe as pernas, e ela...
... no meio do pé esquerdo...
... uma picada, uma pequen...
... um rebolito nas pul...
... no rez do civio...
... e choveralhar aspe...
... feritante, como de uma...
... de lava, em vibra...
...
... tanto do reparo, arma...
... para novo bote, es...
... cascaavel. Os olhos pe...
... rinhos, luzentes como...
... rinhos, pareciam...
... relampagos geados...
... extremo da cauda, erguia...
... tremida, tremia como o...
... de uma campainha ele...
... como um jato de vapor a...
... de um conduto re...
...
... sentia-se ferida, co...
... o perigo em que estava...
... salto saiu do reparo...
... para o limpo da ceva...
... suas fuzeras uma roveada...
... fuzera em todas as...
...
... admiravel presenca de...
... Lenita rentou-se no...
... descobriu a perna, tron...
... e a meia...
... adivinha do peito do...
... dois aranhões pa...
... praguejos, de pouco...
... um centimetro de com...
...
... expremeu-se, limpo...
... com seriedade ama...
... continhant, lrou a fita...
... trança, amarror...
... acima do tornozelo...
... muito a atadura...
... gritou pela rapariga...
... que chamasse Barbara...
...
... não se demorou...
... Lenita, pallida...
... no chilo da ceva, sem...
... com um pé descal...
... pisando, não sabendo...
...
... tem, Lenita, que lhe...
... perguntou, acercan...
...
... picada de cobra...
... diga isso, não...
...
... que está picada?...
... no pé, veja...
... cobra foi?

— Cascaavel.
Barbosa empalideceu: por um momento ficou como atordado. Dominou-se, porém, logo ajoelhou-se tomou o pé de Lenita entre as mãos, examinou detidamente.
— Não há de ser nada, disse. Nenhuma veia importante foi tocada. A precaução que tomou de atar a perna com esta fita foi excelente. Agora, nada de acanhamento, entregue-se a mim, deixe-me fazer o que entendo.
Tirou do bolso um charuto triprou-o nos dentes, maseou-o, encheu a boca de tabaco disposto em saliva, tomou de novo o pé de Lenita, com respeito, com adoração quase, chegou-lhe a boca, entrou a sugar-lhe a ferida a sorvos vagarosos, contínuos, fortes.
— Cuspou, renovou o tabaco, repetiu a operação.
— E' curioso disse Lenita, eu nada sinto, nada absolutamente: é como si não tivesse sido picada.
— Mas tem certeza mesmo de que foi cobra, de que foi cascaavel?
— Ora! Escute lá.ouve?
No reparo continuava a chocalhada sinistra.
Barbosa tomou a espingarda, apertou-a, aproximou-se do reparo, olhou pela porta, levou a arma à cara, fez fogo. Depois entrou e saiu logo com a cobra, morta, suspensa pela cauda. Tinha de seis a sete palmos, era muito grossa, um croáio medonho, um monstro.
Lenita, disse Barbosa, tirando o repil ao chão, seria fer-lhe injuria querer dissimular a gravidade do que aconteceu. Mas as providencias tomadas dão-nos quase ganho de causa: você com a atadura impediu em tempo a circulação do sangue, e por conseguinte a absorção do veneno; eu suguei a ferida, e retirei o que era ainda possível retirar. Sente alguma coisa agora?
— Apenas um pouco de turgencia na vista.
— Vamos para casa. Vou seguir um processo racional de curativo, e espero vê-la logo risonha e alegre, outra vez, aqui na ceva. Não tire, não deixe afrouxar o amarrado da perna.
Foram. Lenita em caminho teve duas vertigens, quasi calu. Em algumas subidas asperas

Barbosa carregava. Marciana acompanhára-a levando as espingardas.
Chegaram. Lenita despiu-se, deitou-se. Tinha frio, sentia sonolência.
Barbosa foi ao seu quarto e de lá voltou com uma garrafa de "rhum"; abriu-a, encheu um cálice grande, fô-lo beber a Lenita, interinjo de uma vez.
— Bom, temos meio caminho andado. Agora toda a docilidade, sim?
Lenita aquiesceu com um gosto triste.
Barbosa assentou-se à beira da cama, levantou discretamente a parte das cobertas, tomou o pé ferido de Lenita, desfez o atilho da perna. Um vinco em circulo afundava-se levemente, um pouco acima do tornozelo. O pé estava inchado.
Estregou por algum tempo a pele, restabelecendo a circulação; tornou depois a pôr a ligadura.
Lenita entrou a ficar ansada, afflita.
— Dê-me a cabeça, foga-me de todo a vista, confundem-se-me as idéias.
— Tome mais um cálice de "rhum", é preciso.
— Tome, mas escute, diga-me uma coisa com franqueza, eu vou morrer, não?
— Não, não morre. Eu repondo pela sua vida.
— Não morre! Diz isso para me animar. Eu bem sei o que é veneno ofidico.
— Também eu, e por isso afirmo que não morre.
— Seja. Em todo o caso quero-lhe dizer uma coisa, chegue-se aqui bem perto.
Barbosa aproximou a cabeça do rosto da moça.
— A minha convicção é que morro, e eu não quero morrer sem lhe contar um segredo.
— Diga, Lenita, diga o que quiser, confie em mim, sou seu amigo.
— Amo-o, Barbosa, amo-o muito...
Barbosa teve um desturramento. Dominou-se, curvou-se, beijou Lenita na testa, castamente, paternalmente.
— Pobre menina!... Mas não morre! Tome mais um cálice de "rhum", sim?
— Ora, o primeiro já me atordou.
— E' mesmo para isso, tome. (A CARNE)

- 1 - "Padre Belchior de Fontes" - romance histórico original - 1.ª edição, 2 vols., 243 e 102 págs. Campinas, 1878-1877. - Nova edição: XII - 28 págs. Lisboa, Liv. Clássica Editora de A. M. Teixeira 1904.
- 2 - "Traços gerais de Linguística" - Biblioteca Util - III vol. - 117 págs. - São Paulo, Livraria Popular de Abilio A. S. Marques, 1889.
- 3 - Gramática Portuguesa - 299 págs. - S. Paulo - Tip. de Jorge Seckler, 1881 - A 2.ª edição, e de 1894. - A 5.ª edição, de V - 304 págs. - de São Paulo, Miguel Melillo, Editor, 1909. - A 8.ª edição, de V - 381 págs., é do Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves & Cia. - 1908.
- 4 - "Cartas sertanejas" - 132 págs. - S. Paulo, 1885 - Foram antes publicadas no "Diário Mercantil", de São Paulo. A 2.ª edição é de 229 págs. Lisboa, Liv. Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia. - 1908.
- 5 - "Holmes Brasileiro" ou "Gramática da pericia". Tradução da "Introduction to English Grammar", de G. F. Holmes - adaptação à lingua portuguesa - 87 págs. - São Paulo, Teixeira & Irmão - Editores - 1887.
- 6 - "A carne" - romance dedicado a Emille Zola - A 1.ª edição é de 1888. - A 6.ª edição, de 295 págs. - Rio de Janeiro, Francisco Alves & Cia., 1921. A 11.ª edição, de 278 págs. - Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1925.
- 7 - "Questão gramatical" - 114 págs. - S. Paulo, Tip. J. Lousada & Cia. - 1887.
- 8 - "Escola Normal" - 37 págs. - S. Paulo, Tip. do "Diário Mercantil", 1888.
- 9 - "Nova Gramática Latina", com uma introdução de Amador Bueno do Amaral - S. Paulo, Carlos Zanchi, 1896 (edição postuma).
- 10 - "Assassinato da rua Morgue" - tradução do original inglês, de Edgar Allan Poe. - Campinas.
- 11 - "Proceduras" - artigos políticos publicados em 1887 no jornal "A Procedura", por ele fundado - 191 págs. - S. Paulo, Edições Cultura Brasileira, 1935.
- 12 - "Uma polémica celebre" - artigos publicados na seção livre da "Provincia de S. Paulo" (1888), em resposta à critica insólita e atrevida do

padre Sena Freitas, publicada no "Diário Mercantil", quando appareceu o romance "A Carne" - 147 págs. - S. Paulo, Editora Cultura Brasileira, 1935.

Julio Ribeiro, era, tambem, jornalista. Colaborou na "Provincia de S. Paulo", no jornal "O Sorocabano" (Sorocaba, 1878-1879), de que era proprietario; a "Gazeta do Povo" (S. Paulo, 1890); "O Debate" (1894), organo republicano de S. Paulo. Os seus artigos, quase sempre de polemica, versam sobre politica, filosofia e religião. No "Almanaque" de S. Paulo, anno 2.º pag. 135, 1877, publicou o estudo "Os Fenicios no Brasil". Fundou e dirigiu em S. Paulo, "A Procedura" (1887) e "O Debate" (1898). Colaborou em diversas folhas e revistas, nacionaes e estrangeiras, como o "Diário Mercantil" (S. Paulo), a "Gazeta de Campinas". Foi professor de latim no curso anexo à Faculdade de Direito de S. Paulo, após memoravel concurso.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

Alfredo Pujol - "A Carne" (Rev. do Brasil, n.º 23).

Capistrano de Abreu - "Cartas e bilhetes postais a Julio Ribeiro".

Henrique Coelho - "Crônica matia Brasileira", pag. 134.

Henrique Perdigão - "Diccionario Universal de Literatura", pag. 532.

José Verissimo - "Estudo Brasileiro", 2.ª serie, 1901.

José Verissimo - "Historia da Literatura Brasileira", pag. 357.

Julio Barbuda - "Literatura Brasileira", pag. 518.

Origenes Lessa - "Proficilo", in "Uma polémica celebre".

Ronald de Carvalho - "Pequena historia da Literatura Brasileira", pag. 311 a 318.

Sacramento Blake - "Diccionario bibliográfico brasileiro" - vol. 5.º, pag. 254.

Sena Freitas - "A Carne" - artigo publicado no "Diário Mercantil" (S. Paulo) e reproduzido em "Uma polémica celebre".

Valentim Magalhães - "A Semana" (artigo), reproduzido nas "Cartas Sertanejas".

Vicente de Taunay - "Filosofia e critica", pag. 52.

V. R. - "Os mestres da lingua" (Rev. de Lingua Portuguesa, n.º 43, pag. 145).

Xavier da Veiga - "Efemerides critica insólita e atrevida do

NOTICIA SOBRE JULIO RIBEIRO

(Continua na pag. 161)

... E saiu num furioso...
... Medeiros e Albuquerque...
... "Quando eu era vi...
... p. 161). Outros traços...
... o homem franco, desca...
... e aspero que era o au...
... "A Carne". Valentim...
... seu amigo, que o de...
... na imprensa do Rio em...
... publica um artigo...
... assuntos filológicos...
... Julio Ribeiro tem...
... de perguntar-lhe:...
... que tal estava o meu...
... mestre?

...he Julio Ribeiro:
... Toda aspeira! Tudo boba...
... breve a sua literatura...
... mas não se meta nunca...
... e que ignora por comp...
... filologia.

... em visita a S. Paulo...
... Ortelão foi à redac...
... "Provincia". Por acaso...
... Ribeiro ali entrou no...
... que o panfletário das...
... se encontrava em con...
... com o director e os prin...
... redactores da folha. Ven...
... Julia de Mesquita teve...
... grande frase:

... apresentar o mestre...
... no Brasil ao mes...
... português em Portugal...
... estendeu a mão, ri...
... e afavel. Mas Julio Ri...
... foi-lhe a cara:

... Nenhum dos dois é mes...
...
... aspecto que caracte...
... Julio Ribeiro foi o de filo...

Negação filosófica Julio Ribeiro

logo. Aqui a sua autoridade é grande e consideravel. Nesse ramo, ele se estroou em 1880, com a sua "Traços gerais de Linguística". Publicou no anno seguinte a famosa "Gramática Portuguesa", em 1887 a "Questão Gramatical". Deixou tambem uma "Nova Gramática Latina", que foi editada postumamente em 1895. Julio Ribeiro foi, no terreno da filologia um iniciador pois, tendo encontrado essa ciencia ainda em sua infância, oentada pelas lições já não caducas de Sotero dos Reis e de Morais, do Coruja e de Abilio Borges, trouxe para esses estudos novos métodos, e notadamente os de Whitney. E os que desclaram avallar o mérito da obra que ele realizou nesse terreno, nós os remetemos à "Réplica" de Rui Barbosa, livro em que em todas as páginas, quase sem excepção, o exemplo de Julio Ribeiro é citado, livro em que de vez em quando vemos lembrado o nome do autor de "Padre Belchior de Fontes" e da "A Carne" com o carinho e a veneração mais profuda.

...
No numero que hoje dedicamos quase unicamente o romantismo. Futuramente, voltaremos ao escritor, dedicando-lhe novos numeros aos aspectos de historiadór, de polemista e de filólogo.

Quando o homem para e contempla das alturas o escalear da serrania, o vale cortado de algarres, a planície, o litoral, a linha do mar a confundir-se com o céu; quando atenta nas forças enormes que entram em jogo no âmago e na crosta da terra, na água que a banha, no ar que a comprime, na luz que a illumina, na vida que a põe; quando por generalização alarga o quadro e considera o planeta inteiro; quando dele passa para os planetas irmãos, para o sol, centro do sistema; quando conclue, por indução irrecusavel que esse sol, esse centro é por sua vez lua, satélite humilde de um astro monstruosamente imane, afogado na vastidão, desconhecido, incognoscivel para todo o sempre; quando pensa que ainda esse astro gravita em torno de um outro; quando reflete em que tudo isso é uma vida minúscula, do drama da vida universal, e que o teatro espantosamente incompreensivel dessa evolução intermitente é uma nequinhã insignificante da imensidão do espaço, o homem sente-se mesquinho, sente-se pó, sente-se átomo, e, vencido, esmagado pelo infinito, só se compraz na idéia do não ser, na idéia do aniquilamento. (A Carne).



Julio Ribeiro numa de suas fotografias mais divulgadas (A Carne).

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

UMA CARTA DE JULIO RIBEIRO

BANHO DE LENITA

JULIO RIBEIRO

Paris, 9 de Março de 830.

Caro amigo de Emmanuel

Estava numa cama muito febril, mas em estado absoluto de animação; cada palavra é de grossura de um dedo de um homem gordo! Não recebi esta carta, já te dá ter recebido um bilhete de uma amiga que deu um pouco de amor. Eu com eu a dar os sintomas do doente com uma aparência de muita saúde. Por que de facto, a mesma pessoa consideravelmente tem melhor; teve afflicções terribes; gostou desesperadamente de mim de modo que em estado insustentável de saúde que está em o mesmo com amigos Carvalho, etc. a casa de casamento, a

que era grande o prognóstico de vida actual, e a indicação dos remédios, e a discreção do estado actual de doente (afirma) este último período é para dar confiança a minha mulher. Sim, que também a dieta, por que a mesma já não pode com o leite, e minha saúde estava de graça. Qualquer coisa, corria de fora para fora. Diga ao Carvalho que tudo quanto relatou o homem de Botafogo (não sei o nome, esqueci) era verdade ponto por ponto de modo, as sombras. Obrigado a Carvalho por sempre a admissão ali sobre

Y que
 Tu o amigo
 Julio Ribeiro

Ergueu-se, saltou das pernas, reatou-se um pouco, e caiu a cama. A cabeça achou-se em dobrado, e enveredou-lhes os pés.

Era uma formosa mulher. Moreno-clara, alta, magra, tinha braços e pernas roliças, musculadas, e torçozelos finos, mais aristocraticamente terminados por unhas muito pontudas. Por sobrije, protrahidos, o corpo na cintura para se era um quadrado arredondado de leve ventre firme, encaixado ferientemente por um abundantissimo Opretos com reflexos caíam em franja de sobre a testa, indo ligeiramente na nuca. O era proporcional, boca pequena, os olhos vivos, o nariz direito, rubros os dentes, a face esquerda tinha um zinho de nascença, mas não muito escura, nada douda.

Lenita contemplava o amor próprio satisfeito, veloz, louca de sua. Olhou-se, olhou para o olho para a selva, com tudo para fora do quadro, uma sentença.

Aceorou-se faceiramente a natureza, e o calcular direto, e bracos sobre o peito do peito, lembrando duzido a posição exacta estadia de Salma, da Accorante.

Estava, estava, tempo de repente deu o, atufou-se na água, começou a nadar.

O lago era profundo, Lenita ia e via uma margem para a parede ao acudo, de a parede, Passava por o e dava gritos de pranto ao choque duro da líquida sobre o seu setinado.

Vitrova do resto e boiar, com as pernas da, com o ventre para com os bracos alarando vende as mãos abertas, e Voltava-se e recomeça a nadar, rápida como uma

Um eslafrin açou-se era tempo de sair da água ("A Carne")

FLOCOS - ARTHUR AZEVEDO A Procelária - Julio Ribeiro

A última vez que esteve com Julio Ribeiro, na rua do Ouvidor, a porta do Rei, dos Mártires, saíam com estas palavras:

— Vá o eterno moribundo! —
 E depois de abençoá-lo?
 — E não, como del isso?
 — Vai-se morrendo como Deus é santo.
 E, como eu sorrisse, acrescentou:
 — Voltar e estava no seu letto de morte quando regressou a Paris depois de prisionaria de guerra, sr. de Atgailon, sobrinho de Richelieu, e amigo intimo do poeta. Voltou ergue-se ja cama, levou a cara, vestiu-se, e achou-se no seu palanquim. Foi com o reconhecimento e atenuamento nos bracos, tirando-lhe "Judeu" a minha agonia, para vir dar-lhe este abraço Adeus. Vou morrer! Desceu, entrou no palanquim, foi para a seu que lo, deitou-se, e morreu.

E Julio Ribeiro continuou, com aquele diabolico sorriso que tão bem dizia com a sua cara de comerec:

— Eu de vez em quando fo-

co como Voltair, mas, na qualidade de moribundo, não entro em feiras por tão pouco. Interrumpi agora a minha agonia para ser fiscal de letérias.

Pobre Julio! o seu extraordinário espirito resistia heroicamente; mas acabou por ser vencido. — Deixei-me morrer assegurado! exclamava ele há dias cansado de lutar com a Morte. Luta medonha, de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes!

Conhecia-o desde o Padre Belloir de Pontes, um romance que parecia ter sido encontrado numa escanção literária, escrito em português classico. Esse livro foi o prodromo dos estudos filológicos de Julio Ribeiro. foi o arauto da sua gramatica revolucionaria.

Como jornalista nunca me entusiasmon Escrevia bem, tinha frases, era nervoso, mas dizia coisas incoherentes. Por exemplo: O Duque de Vieux, do se Lopes de Mendonca, era superior a tudo quanto fizeram Shakespeare e Corneille. Isto

escreveu ele no "Diário Mercantil", e muito a sério!

A revista literaria que há tempos dirigiu, antes de tomar a redacção do "Jornal do Povo", e cujo titulo não me ocorre neste momento, reventou-se do seu estado márbido. O pobre Julio mostrava-se aí de uma racionalidade comedora, mas imperitente, e era pornográfico por sistema.

Exatamente, foi nesse período que ele escreveu a "Carne", um romance cujo livro defeito resulta da preocupação de mostrar combinateos scientificos e literarios. Livro de moribundo que se lê e não escapa-se, e quer aproveitar o tempo e a ociosidade para assoulhar quanto aprendeu...

Dorme em paz, trabalhador e mestre! A tua memoria será sagrada. Tidos nós lamentamos a tua morte, e para este dia tão triste eu não poderia achar assunto mais doloroso que o teu nome

"Carne de Povo" de 3-11-1901.

o galeiro de prôa a vigiar a derrota do navio nada indica a aproximação da borrasca: paz no céu, calma no mar, ares tranquilos, águas sossegadas, bonanza em tudo.

De súbito, imprevisíveis como o arazo, rápidos como o pensamento, vindos não se sabe donde, dez, cem, muitos passaros brancos, mosquedados de negro, começam de contornar o macame, rasam a superficie das ondas, pipilam sinistros...

São as procelárias, é a tormenta que chega.

Tomam-se os traquetes, amalanha-se a vela grande...

A escuridão domina, esfuziam os ventos, retemem os escarcus, estala o canico, desentafia-se o temporal...

Do navio que corre em fúria seccn ergue-se no céu a fúria hurricônica da maruja desasteporada...

Ao renascer a alma, ao voltar a claridade, longe, tão longe quanto a vista alcança, já não há "procelária".

Pilhas da tormenta, tinham

vido com a tormenta, e se com a tormenta...

A "procelária" é a mais suada, é a mais valente das marinhas.

Afusia-se da terra por as e centenas de leões, tumida, desceida, luta, informa-se pelas suturas do oceano.

Como seu nome indica, a paz-se na procela.

A fúria devastadora dos galhões, as fúrias de vendaval não lhe detêm o pujante.

Na luta tremenda com as forças inconcipientes da procela, a "procelária" parece ganhar esforço visível, e suas asas como que movem, e assiste ao fracasso da tormenta e ciclone.

Ao estourar do vento, de com um pipilar de unho.

Trêcho do primeiro capítulo de "A Procelária", publicado por Julio Ribeiro.

VARÃO DE LUTAS -- AIRES DA MATA MACHADO FILHO

uma roda de moças me-
morante cultivada, a quem
se queria foi Julio Ri-
beiro havia de carac-
terizar o autor de "A
Carne". A posteridade tem sen-
ças e a carência de in-
teresse literário gravava a na-
tureza.

Julio Ribeiro es-
creveu "A Carne". A voz única
das críticas contemporâneas
para o romance mais ma-
nifesto que se realista e nau-
seante de híbrido tentame-
to do autor, salta a pu-
lchra para a posteridade. Antes
de se viverem realizados,
ele tem conservado a re-
sonância de algumas belas
palavras que todos lhe apontam,
e a crítica mais dos dias
de ontem e de hoje. E to-
mou em 1887, na apresenta-
ção do periódico "A Procelária",
antes de publicar o seu
romance, Julio Ribeiro boque-
ou paralelo que vale a pe-
na de ser citado.

"A pornografia acusa
o momento do senso moral,
e a vida revela-se".

"O paralelo indica sobre
a vida, a vida e a vida e a
vida, que aceita o mundo
de hoje". Quer dizer que o
mundo de hoje não havia de
deixar pornografia o seu

livro, que tem durado, graças
ao odor equívoco a que lhe
chamamos "sex appeal".

Em magnífico ensaio acerca
de Julio Ribeiro, Origenes Les-
sa atinou com a verdadeira si-
gnificação do romance, como
testemunho do caráter inque-
brantável e do estilo e da vida do
autor: "A Carne", falha em-
bora como romance e como obra
de arte, era um brado de guer-
ra, era bordada sem do no lar-
tismo provincialano".

Julio Ribeiro, provindo de famí-
lia pobre, estudou com difi-
culdade e abriu caminho na
vida com esforço tenaz. Perdeu
a primeira esposa e viu
morrer seguidamente três fil-
hos.

Escrevendo à sua mãe, disse
de si, na palavra da Escritura,
que era um "varão de dobras".
Varão de lutas é que, na ver-
dade, foi, sofrendo, trabalhando
e vivendo.

Mas não escreveu apenas "A
Carne". Naquela grupo de mo-
ças a que aludi no prelo, de
Ribeiro como autor de uma
gramática muito boa, que era
para seu pai o oculto, em pontos
de linguagem. Pois até a
publicação desta gramática re-
pertiu a primeira procelária,
foi o primeiro o autor com a can-
çada rotina, que pontificava

nos compendios. Na opinião de
um oficial do mesmo ofício, que
lhe faz restrições aos métodos
e processos, "remanesce-lhe de
certo o mérito de haver sido
o primeiro a trasladar para
compendio didático a nova
orientação, evertendo os alieci-
tes da rotina". O juiz crítico
é de Maximino Maciel e o grifo
de Antenor Nascetes, que, no
seu esboço histórico da filolo-
gia no Brasil, aponta como ini-
ciador do "período gramatical".
(Vide "Estudos Filológicos, págs.
21 e seqs.)

Ardisio republicano violenta-
mente anti-clerical, todo entre-
que aos conceitos e preconceitos
do seu tempo, por impulso natu-
ral de seu temperamento ex-
tremado, Julio Ribeiro tinha de
fazer jornalismo. Escritor pú-
blico, batalhou até o fim pe-
las ideias radicais. De seu jornal
"A Procelária" apareceram
onze números, com a título de
"Procelárias", "Edições Cultura
Brasileira" deram a lume, ha-
 tempos, esses artigos ainda an-
tes da refrega.

Para Julio Ribeiro era a luta
uma condição da existência.
Ardia com pouca lentidão por-
que ruginha por exprimir. Quando
portiu a primeira procelária,
puncto insólito da tormenta,
pôs no primeiro artigo, a guisa

de programa, estas palavras
definidoras: "Não tem alvo, não
tem objetivo determinado; vem
para lutar porque a luta é uma
fatalidade, porque a luta é a
vida".

Julio Ribeiro teve polémicas
memoráveis. A Valentim Mag-
alhães, que se meteu a dizer
umas coisas sobre linguagem e
gramática não perdoo os de-
sacertos, apesar do prestígio
nacional de um jornalista da
corte. "Tudo asneira! Tudo
bobagem! Escreva a sua litera-
turazinha, mas não se meta
nunca a discutir o que ignora
intimamente: filologia".

O recorte mais famoso deu-
se com o Padre Sena Freitas.
Amigo seu nos primeiros tem-
pos, o escritor português entou-
deu de criticar "A Carne", a
que deu o nome de "Carneca".
Chegava a São Paulo, ainda
atorado com as pancadas me-
moráveis de Guerra Junqueiro
mas, como diz com graça Ori-
genes Lessa, "vinha montado em
um prefiado de Camilo". Com
isso e com o resto, pôde logo
ocupar as melhores situações.
Julio Ribeiro resolveu vingar-se.
Tomou o plão na unha e enten-
deu de enfrentar o crítico, de
homem para homem, não em
vias de fato, mas brandindo a
pena de combate. Fez crítica
muda das obras de Sena Frei-

tas, e lá encontrou abundante
matéria a nunca vista nova.
Não tinha papas na língua, de
sorte que a polémica muitas
vezes descamba em insulto pes-
soal. Mas é engraçadíssimo.
Diferem interlanes do co-
mum desapego de opiniões,
que não raro desora a crítica lite-
rária, cautamente usada em
reticente louvor. E o contraste
é que faz a gente rir. Em "Uma
polêmica célebre" as "Edições
Cultura Brasileira" recolheram
esses famosos artigos.

Julio Ribeiro publicou ainda
"O Padre Belchior de Campos",
romance histórico, em dois vo-
lumes (1876-7), e "Cartas Ser-
vanças", páginas de crítica de
propaganda republicana (1885).
Antes de cumprir a promessa
de reeditar "Cartas Ser-
vanças", os editores dos citados
livros postumos tiveram de
cancelar suas atividades. E é
de desejar alguma casa tome a
si a empresa. Daqui apelo para
Origenes Lessa, o inspirador
das anteriores edições.

Coisa que nem todos sabem
é que Julio Ribeiro nasceu aqui
perto de Belo Horizonte, em
Sabará, a 18 de abril de 1845,
e morreu em Santos, a 1 de
novembro de 1890. Daqui a qua-
tro anos havemos de comemor-
ar o centenário de seu nasci-
mento.

O BACALHAU -- JULIO RIBEIRO

— Agora uma salm-braninha
para não arruinar
E, tomando da mão do admi-
nistrador uma caixa que esse
trouxe, derramou o conteúdo
sobre a derme dilacerada.

O negro fez um coroado; ir-
rompeu-lhe de garganta um
berro de dor, sufocado, atroz,
que nada tinha de humano.
Desmuntou.

Lenita sentia um como es-
panto de prazer, saciado, vi-
brante; e tara pallida, seus
olhos relampajavam seus mem-
bros tremiam. Um sorriso cruel,
gládio, ar-agaçava-lhe os lá-
bios, deitando ver os dentes
muito brancos e as gengivas
ruivas.

O sibar do suor, os
contrações, os gritos do pade-
cente, os fios de sangue que ela
via correr embriagavam-na, de-
mentaram-na punham-na em
fúria, deitando ver os dentes
muito brancos e as gengivas
ruivas.

Queris, como as usatás ro-
manças no lado gloriatório, ter
direito de vida e de morte; que-
ria poder fazer prolongar aque-
le suplicio até a exaustão da
vítima; queria dar o sinal,
"police vero", para que o exe-
cutor consumasse a obra.

E tranzia agitada por estrá-
nha sensação, por dolorosa pu-
lchra. Tinha na boca um saibo
de sangue.

(“A Carne”)

O uco mordida esmolia o barro
friaque quase sem ruido. Um
raspado de pó amarelado ma-
culava o vestido preto da moça.

Deitou-se o forrão, e caiu
para dentro, dando um som
surdo ao tombar no chão fofo,
de terra mal batida.

Estava feio o buraco.
Lenita retraiu-se, ficou imo-
vel, estendendo a respiração.

Após instantes estendeu e
pegoço, espulso. Nada ponde
ver: estava muito escuro den-
tro. Quis-se um rezonar alto,
igual.

Passou-se um longo trato de
tempo.

O beilho das estrelas empal-
deceu. Uma faixa de luz bran-
ca desenhou-se ao nascente, re-
bordou-se, purpureou inflama-
da com reflexos cor de ouro. O
ar tornou-se mata fino, mais
seco e a poeira arava ruiuca
num hino áspero, denovoide,
mais alegre, júbilo, titânico,
sacudindo a dia que despantava.

Quis-se o sino da fazenda
vibra muito sonoro.

Lenita tornou a espirar; a ca-
xa do tronco já estava clara.

A um canto espalhava-se um
estrado de madeira, engorruado,
lustroso pelo rostit de cor-
pos humanos sujos. As taboas
que o constituíam embriam-se
em um sólido pranchado de ca-
breueto, cortado em dois no sen-
tido do comprimento; as duas
peças por ele formadas justu-
punchim-se, articulando-se de
um lado por uma dobrada for-
te, presas de outro por uma fe-
chadura de ferro. Na parte
superior da peça fixa, e na in-
ferior da moel havia piques
semi-circulares, chanfrados, que,
ao ajustarem-se essas peças co-
ntidiam, perfazendo furos bem
retorçados, de um decímetro mais
ou menos de diâmetro.

Era o tronco.

Sobre o estrado, de ventre
para ar, com as pernas passa-
das, pouco acima do tornozelo,
nos buracos dos pranchões, en-
volta em uma folha coberta de
fil de parda, despendida, imunda,
tinha atressado a noite u es-
curo jugado.

Dormira, ao bater do sino
acordara.

Securando-se a um joelho
com as mãos ambas, sentara-se
por um pouco, espragueira, vol-
vera a deitar-se, com os mem-
bros salubrida resignada.

Abriu-se a porta, e entrou o

administrador seguido por um
dos caboclos que tinham trazi-
do o preto.

— Olá, seu mestre! gritou o
caboclo, olhe o que aqui lhe
trago:

Chocolate, café, berimbau.
E a corria na ponta do paul
Vai chuchar cinquenta para
largar da moda de tirar cipo
por sua conta. Não sabe que ne-
gro que logo dá prejuizo ao se-
nhor? Olha só está pinico, está
limado, está beliscando!

E sacudia ferozmente a bacal-
hau.

E um instrumento sinistro,
ul' repugnante, mais simples.

Toma-se uma tira de couro
crú, de três palmos ou pouco
mais de comprimento, e de dois
dedos de largura. Fende-se o
meio longitudinalmente, mas sem
reparar as duas folhas nem
em uma, nem em outra extre-
midade. Amoleta-se bem em
água, depois se torce e se estira
em uma tabua, por meio de
pregos, e põe-se a secar. Quan-
do bem endurecido o couro,
adapta-se um cabo a uma das
extremidades, corta-se a outra,
aproximam-se as duas pernas a
varicada, e está pronto.

O adminitrador abriu o tronco,
o negro ergueu-se baio, trê-
meio, miseravel.

Sob a impressão do medo co-
mo que se lhe dissolvam as
fôrças.

Car, de joelhos, com as mãos
postas, com os dedos nodosos
encalvinhados.

Era a última expressão do re-
baixamento humano da coar-
da animal.

Infundia ad e nojo.

— Pelo amor de Deus, seu
Mame Santo, nunca mais cu-
juja!

E torava desesperadamente.
— Não fica barulho rapaz,
respondeu o administrador. São
ordens do senhor, não de sei
cumpria.

— Vá chamar a usatá!

— O senhor está deitado, não
vem, não pode ir cá. Deixe-se
de histórias, arre, as calças e
deite-se.

— Nossa Senhora me deite!
— Você não chama por Nos-
sa Senhora quando tem de ju-
gar, gritou impaciente o cabo-
clista, anfo.

O infeliz pulveu as oitavas em
torno de si, como procurando

uma aberta para a fuga. De-
sempado delectu-e.

Com movimentos vagarosos,
tremendo muito, desabalou a
cabeça suja, deixou-a cair, des-
cuidado as suas nádegas chupa-
das de negro magro, já cheias
de costuras cortadas de cic-
trizes.

Curvou as pernas pôs as mãos
no chão, estendeu-se, deixou-se
de braços.

O caboclo tomou posição a
esquerda, mettu a distância,
pendeu o corpo, recou o pé es-
querdo, ergueu e fez cair o ba-
cilha, da direita para a esquer-
da, vinorosamente, rapidamente,
mas sem esforço, com ciência,
com arte, com elegância de
profissional apatronado pela
pofissão.

As duas corréias tesas, duras,
amarras, metálicas, quase, silu-
pam, esfolarão a epiderme com
as pontas aguçadas.

Dois riscos branqueintas, es-
forçadas, desenharam-se na
pele ruza da nádega direita.

O negro saltou um ura me-
dinho.

Compassado, medido erguia-
se o oculto desota reclinan-
to, lenha, cortava.

O tomque recamou a principio
em gotas, como rubins líquidos,
depois estilloo continuo aban-
dado, correndo em fios para a
bota.

O negro retorcia-se como uma
serpente ferida, ajudava as
unhas na terra solta do chão,
bata com a cabeça, bramta,
ululava.

— Uma! duas! três! cinco!
dez! quinze! vinte! vinte e cin-
co!

Po ou um momento o alioz,
não para descansar, não estava
cansado; mas para prolongar o
grao que sentia, como um bom
gastrônomo que poupa um ace-
pino fino.

Sobou por cima do negro, ton-
nou nova posição, fez vibrar o
instrumento em sentido cont-a-
rio, continuou o castigo na
outra nádega.

— Uma! duas! três! cinco!
dez! quinze! vinte! vinte e cin-
co!

Os olhos do negro eram rou-
cos, estranheiros; a sua car-
pilha estava suja de terra, em-
pedida de suor.

O caboclo largou o bacalhau
sobre o estrado do tronco e dis-
tornou de si, como procurando

Programa de ação
literária

Julio Ribeiro

Nós não nos submetemos,
não sabemos ceder.

E agora como sempre nada
de pessoal nos seduz, nenhum
interesse próprio nos impele.

Temos escrito por civismo,
por civismo continuamos a es-
crever. "O homem que sabe
servir-se da pena, que pode
publicar o que escreve, e que
não diz a seus compatriotas o
que entende ser a verdade,
deixa de cumprir um dever,
comete o crime de covardia, é
mau cidadão".

Assim pensávamos e escre-
vamos em 85, assim pensa-
mos e escrevemos hoje.

(Procelária)

Perfil de Ramalho Ortigão

Julio Ribeiro

Em frente — a Casa Garraux, vista Habel, livraria em nome, mas verdadeiramente bujar de luxo, onde se encontra tudo, desde o livro raro até a porta de acopleira, passando pelo Cluquet legitimo e pelos outros a prova de fogo.

La fui ver a exposiçao permanente. Mal tinha eu entrado, entrou tambem um grupo de honores, três ou quatro, se bem me lembra.

O da frente, pelo elevador da esquerda, pelo desembarco, pela "passagem" de manueiras, excedia os outros "de toute la série", como dizem mestre Pé-de-Vento.

Era um sujeito corpulento, corado, limpo, no decambar da cidade viril, ou melhor no vigor da velhice. O bigode farto, batido aqui e ali por um fio de prata, e as longas "cristalinas" arenavanzarem com nitidez no rosto franco, caprichosamente escaudado. O cabelo curto dividido em pestiñinhas desprezíveis no alto da testa vasta, ligeiramente redonda. Colarinho de pontos quebradas, gravata branca de nó, colete fechado até o nó da gravata, fraque, flor enorme na lapela, cabos de esmaltina preta com listinha de seda branca, chapéu preto, alto, mole, sapatos Clark, "banc-me-z".

Bela homem, Ramalho Ortigão, lá arribou.

Um dos que o acompanhavam era um rapaz alto, cheio de corpo, alvo, de cabelos castanhos claros, quase louros, ondulados, de bigode crespo, de lábio inferior curvado, uncinho, um "causur" adorável, que o mestre disse-me ter encontrado uma vez em Campinas, e a quem eu fui apresentada um dia de deus, em uma festa de ano de deus, Gaspar da Silva.

Ramalho entrou em conversas com um dos sócios da Casa Garraux: eu, fingindo que examinava um livro prefelha toda a atenção. Apanhei, desaquei, analisei cada uma de suas palavras.

Voz agradável, bem timbrada; pronúncia distinta, corretilhina; sotaque alfacinha pura, estranho, muito estranho a ouvidos paulistas.

Ramalho Ortigão é incontestavelmente um homem de combate, um grande escritor. Eu, porém, não gosto dele. Acho-o trabalhado, limado, castigado demais: arbo "qu'il pose toujours". Não escreve como Garrett, usando a alma no papel; calcula o efeito de cada palavra, de cada frase, como um jogador de xadrez calcula o alcance do movimento de cada peça. Nos seus escritos há notas, há quantidades constantes, que reaparecem fatalmente. Encontra-se sempre uma admiração exagerada por tudo quanto é vigor muscular, por tudo quanto é manifestação de força humana física. O estacão, a bengala grossa são fatores impracindíveis das suas teorias de moralização social. Afeta pelo assito, pelo cuidado do corpo um culto que chega a se tornar impertinente. Não perde ensejo de contar que se banhou, que se barbeou, que mudou a roupa branca. Tanto repete, tanto insiste, que até parece ter um segredo recôco de que o não acreditem. Escreve ele um livro novo: os seus leitores habituais já lhe conhecem, já lhe esperam as "filas". Há de falar por força nas suas aulas, nos apicões de "toilette" nos desalfestantes, na abundância de curvas e plúguas. Tem frases feitas, uma por exemplo — tocos os seus entendares, todas as suas fâmulas, todas as suas fâmulas, todos os seus "abre-videtes", "abre-videtes" sempre a "palitir gloriozão sempre a (Continua na pág. 173)

NOS TEMPOS DE JULIO

Nos fenômenos psicológicos nos deixam mais perplexos do que o dos chamados "precursores" de movimentos de idéias. Quanto mais consultamos os seus trabalhos em cada das suas intenções, seus planos, seus desejos, — tanto mais nos espantamos de seus embarracos e omissões, sobretudo destas ultimas. Julio Ribeiro e o mais notavel gramático brasileiro entre os que prepararam o atual movimento em favor da autonomia da lingua brasileira. Conheceu a linguística do seu tempo, as reformas da didática gramatical entre povos de lingua inglesa, a filologia portuguesa e a nossa. Conheceu-a bem e assimilou-a, sem despersonalizar-se, — antes, valendo-se de tudo isso para afirmar-se vigorosa, sem violentamente. Em uma polemica sustentada contra um catequético da Capital paulista, revela-se de tal modo superior ao seu adversario e descobre nele tanta ridícula, que a gente se admira de como foram possíveis dois espiritos tão distantes em cultura, na mesma terra e ao mesmo tempo. — Julio, no interior do Estado e o seu adversario, na Capital, catequeticamente empalmeado.

Um certo momento, não se contém mais e exclama, com imenso alívio para o leitor do caso: "Como é fofoal o mesmo oficial!"

A favorcé-lo nas suas arremetidas de reformador, um temperamento brutal encarnado em uma corpulência respeitável... Uma frase que define o homem: "Escrevo para satisfazer a minha atividade própria".

Este homem não podia viver gramaticalmente, a saber, fora da vida e da sociedade do seu tempo. Foi politico teórico, jornalista doutrinador, amigo de potências e muito valioso. Julio Ribeiro é de sua casta de escritores brasileiros dos fins do Império: agitado, revoltado, empolgado, cientificista... As vezes, impressões de estarmos lendo discursos de outras vezes, dá-nos seus períodos lembram a fulgor euclediano; outras vezes, dá-nos a impressão de estarmos lendo discursos de Rui Barbosa, Rebativo, distendição, fogoso... Devo to a ciência, filalmente sabido, bordado a autores ingleses e norteamericanos, — tinha diante do Brasil um patriotismo infestado de protestante... Enfim, coisas que achava indignas, vergonhosas, indecentes... contra mil de Julio Ribeiro é do tempo em que se acreditava plenamente na laicização de todas as virtudes cristãs, sob o patrocínio da razão e com os milagres da ciência. A evolução e o progresso social e processado especialmente nas circunvoluções cerebrais, haviam trazido o mundo ao conhecimento, ao sentimento e à prática virtudes essenciais à vida moderna. Dal nada nos arrancadas, senão para melhor...

E este homem que perdeu quase diríamos estupidamente o sentido inglês do termo e ensaio de anupiar aos brasileiros, em nome da ciência e por força de uma boa cultura geral, a autonomia da lingua brasileira.

Desgraçadamente, a sua coragem de escandalizar não sobreviu para lanchar a empresa. Assim, não nos sendo possível reconhecê-lo um grande merecimento senão dentro do movimento autonomista de nossa lingua, não podemos, de outro lado, apresentá-lo como reformador. Ficou na fronteira, e não teve bastante largueza de vistas para ver o futuro... E foi pena, porque sabia teimar como ninguém. Ver a sua atitude nos casos da etimologia do artigo definido (que considerava uma categoria gramatical), do infinito pessoal, do digrama — kh — da nova divisão da gramática, das quatro conjugações — kh — da gria da conjunção — si —, etc. Quanto da nossa lingua, — mais presunptório... contra o seu meio "salfaro e leiterio" que combatia com uma "força de vontade dosomunal, feroz, indomável".

E Julio Ribeiro quem primeira ensaia entre nós fazer da gramática uma "ciência" de observação. "Gramática é a exposição metódica dos fatos da linguagem", — afirma ele, arrimado-se à definição empirica de Whitney, "English grammar is the description of the usages of the English Language".

Partindo daí, empreende fazer fonética experimental. Como em geral os linguístas de sua época. E o resultado é magnifico... até certo ponto. Como reação, foi ótimo. Como prova do método, não foi nem podia ser muito coerente e eficaz. Julio Ribeiro não saiu pelo Brasil agora em busca da lingua "nacional". Suas observações e registros se limitam quase sempre aos meios que conheceu. — Minas e São Paulo. Mas com que orgulho se envia de boaz anônima os qualquer homem.

Com um jeitor notavel para as simplificações didáticas. Não recia pôr de lado um mundo de coisas. Para ele, os sons da nossa lingua são quase metade dos sons indispensáveis à pronúncia portuguesa de Portugal. Mas poderão bastar para uma didática da fonética brasileira! O diabo é que a sua gramática é chamada por ele mesmo "portuguesa"...

Conta-nos Julio Ribeiro que deu em ler gramáticos ingleses depois do saber da excelência deles através de Almeida Garrett, um anelôfilo entusiasta, mas português até a medula. E gostou muito do conselho, que teve o reforço da opinião de um grande amigo, o pastor G.N. Morton. Chegou a traduzir uma gramática para a infância, de Holmes.

Todavia não se libertou de um certo gosto metafisico. Isto não lhe tira o valor, mas o leva a contradições que seus adversarios exploraram com vantagem e certos criticos agudos, como o velho Capistrano, apontaram com enorme pesar... Julio Ribeiro se conforma com a critica mas não abandona suas "distinções" de origem escolástica.

Parece que o seu malogro como reformador da nossa gramática se origina dessas oscilações filosóficas.

Não sendo filósofo, mas tendo idéias de outra. — No que teve e tem notabilissimas companhias...

Dissemos acima: J.R. apresenta a gramática em moldes da ciência. No seu tempo, a ciência tinha o "fato" como ponto de partida e a "lei" como ponto de chegada. Mas este "fato" e esta "lei" eram entendidos dentro de uma filosofia racionalista, naturalista e determinista.

Teria J.R. inteira consciência disto? — Parece que não. Como tantissimos outros inuénos, ele imaginava a ciência independente de toda a filosofia ou metafisica, e considerava o "fato" e a "lei" científicos dola "abolutos". Assim, quando se referia a "leis gramaticais" faz, contraditoriamente, realismo escolástico: suas leis, não são métricas estatísticas, mas "algo fatal que dimana

da essência mesma das coisas... E o seu sentido do "fato" está dentro do hibridismo filosófico nascido da confusão de Bacon com Descartes... Em J.R., o fato bruto é equivalente ao fato científico, e desde Pierre Duhem que nós sabemos que não se um bonco errado. A ciência moderna — para seu mal, — se distancia cada vez mais do empirismo e sua metáfora linguística.

J.R. proclama a lei científica inexorável em seu sentido "universal", — e não em sentido relativo ou condicional. "Em certas condições, uma coisa lei se torna inevitável. Todavia, distingue como por instinto o sentido reflexivo e deliberado da "lei gramatical". Na sua gramática, dada como científica, não se sente a diferença de sentido e plano (ou categoria) da lei inocente e da regra didática. Reconhece ele as influências dos meios físico e social, a evolução e a luta pela vida nos meios linguísticos e dentro deste alquimista confunde a lei fatal e a norma voluntária. Por conseguinte, não devia distinguir "certo" e "errado" como distingue e não podia deixar de distinguir, fazendo gramática...

Final, temos de concluir que, não sendo filósofo, não pôde perceber as próprias incongruências.

Ainda na definição de gramática, e autor cinco vezes por falta de filosofia. Dizendo que ela é "uma exposição de fatos" adultera o pensamento de Whitney que disse outra coisa. Para este a gramática é "description", mas de "usages". Ora, a gramática não pode ser, ao mesmo tempo, *fato-bruto* e *fato-científico*. Toda norma deve ser fato: mas nem todo fato pode ser norma. A gramática é uso, antes de tudo, mas o uso gramatical é a gramática "exposé" ou decreve, porque é de ordem "histórica"; mas expõe "costumes", que não de ordem "falativa". A razão do costume não é ser real ou possível, como na física. Há de ser real ou possível, — certamente. Mas não é isto que o caracteriza. O costume se define como tal *estabelecimento*, — por ser certo ou errado, belo ou feio, justo ou injusto, bom ou mau. A gramática, pois, expõe o que é real, uniforme, certo, em suma, o que é de todos costumes, exceções internas ou externas. Para cada grupo. Para um tempo limitado. Por isto há gramáticas. — a grega, a latina, a portuguesa. Por isto a gramática do século XVI não é a mesma do século XX. — em Portugal, na França, etc.

O nosso J.R. continuou "gramática" e "fato". O fato linguístico, certo ou errado, e fato e linguístico. Mas é *histórico*, ou individualizante, ou *normal*. Investido em norma, he *geral*, comum, social — *gramatical*. Dal é que reprova o fato linguístico individual. E como é histórico, há de ser *conveniênte atualmente e localmente*. — e não em absoluto.

Então, Julio Ribeiro acertou fazendo, mas errou definindo.

Não fazendo a distinção entre o fato linguístico (individual) e o fato linguístico social (gramática), também não explicou o sentido da regra gramatical dentro da lei *fatal* da lingua. Não se pode manejar noções filosóficas sem espírito filosófico.

Entretanto, se do ponto de vista "fundamental" se pode afirmar que J.R. fracassou, por outro lado nos aparece como um homem novo, novíssimo e com força de impôr-se à ordem corrente. Na polemica leva os louros a um adversario de nome A. Freire da Silva, que é de uma incompetência lastimável. Vale o que vale a estadia. Apontado ao morto, isto é, fora da vida, não tem sentido, algum para proteger o próprio nome. Por isto a polemica perdeu o único valor que poderia ter tido: a saber, o valor de obrigar J.R. a desencanar-se de suas contradições epistemológicas.

Mas ninquem estava em condições de fazê-lo. José Veríssimo, Capistrano de Abreu, Rui Barbosa, que elogiaram J.R., não poderiam dizer em que foi ele notavel...

Passados tantos anos sobre essas coisas, fez-se alguma luz na sua penumbra...

Sabemos agora que J.R., contrariando as praxes filosóficas



Julio Ribeiro, um desenho de Aspau

RETROSPECTO MINEIRO - João Alphonsus

1942 não foi dos mais profícuos em produção de escritores mineiros e não se pode compará-lo com 1941. Em todo o caso, houve, pelo que sei, o seguinte balanço do ano.

No transcurso de 1941 para 1942, João Dornas Filho nos deu mais uma de suas preciosas contribuições: *Historiografia de Apontamentos para a História da República*, pela Editora Guimarães, fazendo parte do *Estudo Guimarães, série Estudos Nacionais*, n. 2. Editado em dois volumes, a obra de João Dornas Filho foi distribuída no começo do passado, a cada livro ficou pertencendo a...

João Wellington Brandão, da Academia Mineira de Letras, publicou, em edição própria, um volume de versos, o que deu um belo exemplo de Finalo, o que não quer dizer, entretanto, que se identifique o encerramento da carreira poética do vate mineiro, ainda em plena força de vida.

Como acontecimento dos mais importantes, tivemos a edição de *Poesias*, de Carlos Drummond de Andrade, a que a crítica deu o relevo merecido, até mesmo incompreensões necessárias para estabelecer a harmonia entre os contrastes em face do poeta consagrado como faz o verso do Brasil. A sua edição em poesias completas foi lançada pela Livraria José Olympio, e não a fora anteriormente a poesias escolhidas.

Um novo estrêlo surgiu em Belo Horizonte o jovem Clemente Almeida com a sua plaqueta *Omelete Cuidado*, mais do que uma poesia, uma afirmação. Vate hesitante, com influências de Cavalcanti, mas já mostrando a sua penetração através das imagens essenciais da poesia. E em aquele recuo, que parece deixando alguns novos, de...

se tornarem aparentemente incompreensíveis.

Como estrêlo, surgiu outro jovem, Geraldo da Mata Machado, com o seu livrinho: *Mega Versos*. Poeta romântico, na medida tradicional, não querendo ser, entretanto, um simples poeta para namorar, como muitos outros, pois é ativo e displicente, sem dar grande apreço nos problemas do coração, fingindo estar acima deles. Um romântico à Álvaro de Azevedo.

De Afonso Arinos de Melo Franco, a Livraria Martins, de São Paulo, publicou o drama lírico em versos — *Dirceu e Maria*, que transpôs definitivamente para o plano literário, em alexandrinos dentro da medida clássica, o idílio do inconfidante Tomás Antônio Gonzaga com a moçoila ouropretina Joaquina Dorotéia de Selgas. Colocou os dois amadores infelizes separados para sempre por uma sentença moeda depois de breve noivado, ao lado dos amores trágicos da literatura mundial. Com grandeza poética, exatidão de ambiente histórico, mas a intenção de deixar o drama humano crescer por si mesmo, sem deformadores galas literárias. Um drama do coração de Minas que fica devendo, ao autor, mais essa obra compreensiva.

Falar em Gonzaga, lembra o problema das Cartas Chilenas, em torno do qual discutem os entendidos, atribuindo-as ao desenhador Gonzaga ou ao juiz Claudio Manuel da Costa. 1942 nos forneceu, na capital mineira, um pequeno esguiso literário, que seria ridículo comparar aquele. Não se trata de nenhum panfleto político em versos mas de *Amarília*, versos de amor, cujo autor se embocou sob o nome de Henrique da Cunha Gago, mas tem o cuidado de assinar na dedicatória feita...

a máquina; magistrado em Minas. Que magistrado será esse? Desembargador, colega de Conzaça? Juiz, colega de Claudio? A pouca vida do volume não provocou nenhum movimento de curiosidade em torno do enigma que, ao que parece, vai permanecer mais do que indecifrável — esquecido.

Do dr. Zorastiro Pires, saiu o 2º volume de *Estudo da História de Sabará*. O primeiro havia sido feito pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com uma introdução de Rodrigo M. F. de Andrade. O segundo foi editado pelo governo mineiro. A par dos anotações, apresentamos reconstituções sobre a religião artística-religiosa que é a cidade colonial de Nossa Senhora, foi enriquecido de inapreciável documentação fotográfica.

Em livros para crianças, tivemos uma obra: a da sra. Luíza Machado de Almeida, em *O Mistério do Polo*, Editora A Ciência, do Rio, com ilustrações de Perry Denis. Muito bem recebido pela crítica e sobretudo pelas crianças, que são os melhores críticos para o gênero. Será útil acrescentar que a cartilha mineira já tem outro livro para os pequenos. *No Fundo do Mar*, de qual Guilherme Cesar, depois de Belo em original, fez os mais valerosos esboços no seu rodapé literário de *Folhas de Minas*.

Resistiu ainda, no gênero, mais um livrinho de Vicente Guimarães, o *Voto Felício da revista Era uma vez...*, tão popular entre o povo mineiro: *Historias Diversas*.

Ja para o fim do ano, uma surpresa de fim de ano: a Livraria José Olympio lançou, com sucesso arrebatado, *Minha Vida de Menina*, de Helma Morley pseudônimo de ilustrada dama de Belo Horizonte; trata-se de um...

diário de mocinha, nos anos de 1893 a 1896, na cidade de Diamantina, no qual se deu, naturalmente, um arranjo melhor, com cuidado de destacar alguns nomes, a começar pelo da autora: "pequenas correções e substituições de alguns nomes". Não há, porém, aí, aspectos para sucesso local apenas, nessa Caderneta de uma menina provinciana nos fins do século XIX; mas fontes de estudos desse viver, tão próximo, tão atual, que tem humoradas, a observação do pitoresco, e uma realidade, uma vida que transcende da velha cidade e do regional, que diversifica, faz rir às vezes, mas também enoja.

Por si se egotizam as obras originais publicadas e penetram nas traduções. Em primeiro lugar, Abgar Renault, com os *Poesias Inglesas da Guerra* e a *Luz Crescente*, de Rabindranath Tagore. Sobre os poemas, reportar-me-ei ao meu artigo recolhido neste suplemento, pag. 110 do volume III, fascículo n. 7. Em conferência recentemente realizada em Belo Horizonte, em convite da Sociedade de Cultura Inglesa, Abgar Renault aproximou-nos ainda mais compreensivamente de Tagore, dizendo-nos com entusiasmo de uma vida poeticamente vivida. Sei que elabora um estudo sobre o grande indiano. E' um gata-seguro através da grandeza simples de *Luz Crescente*, traduzida do inglês com um compromisso intelectual de poeta para poeta: sem perda da substância poética.

Existem em Minas dois tradutores que se entregam habitualmente a essa atividade: Godofredo Rangel e Oscar Mendes, este, mineiro natural de Pernambuco. De Oscar Mendes, que exerce ao mesmo tempo a crítica e o ensaio em jornais de Belo Horizonte e outras capitais, tivemos em 1942 as seguintes...

traduções: *As Maravilhas do Envelhecimento Humano*, de Henry Thomas, com a singuilaridade de lhe ter acrescentado uma parte de sua livrinho. — *O Romance do Brasil*, e a introdução em numerosas contradições ao autor, numa sorte de polemica unilateral. — *O Pensamento Vivo de Pascal*, de Maritain, e dentro da estera dos best-sellers, *Como Era Verde o Meu Vale*, de Richard Lewellyn.

Apresentando-se como juiz de direito, sem nenhuma leitura a não ser o da modestia, o grande escritor Godofredo Rangel vem morar em Belo Horizonte e continuou como tradutor de livros para a Companhia Editora Nacional, com prefácio do que nos põem dar de bom e mal o *Anto de Vida Oitosa*. As suas traduções no ano passado: *A Vida de Beethoven*, de Paul Fuchs; *A Vida de Metetrich*, de Raoul Auerheller, e, um livro de ensinamentos gerais de higiene: *Como Devemos Viver*, de Emerson Fischer. Emílio Moura me revelou que o grande escritor tem, em vias de edição, um livro de histórias infantis, o que já é uma resolução heróica de nos dar algo de seu.

Aires da Mata Machado Filho traduziu, para a Livraria José Olympio, o livro *Sub e Statio*, e *Uzar de Todas as Rússias*, de Eugene Lyons. Com aquele cuidado e precisão de consagração linguística.

Para terminar, aponto a estreia de mais um tradutor: Edgar G. da Mata Machado, em *o Diário de um Páreo de Almeida de George Bernanos*. Entretanto, não é trabalho acerto por tarefa, porque proveio de uma escola especial de uma grande comunidade espiritual entre traduzido e tradutor. Por isso mesmo, pode-se apontá-lo como uma das melhores traduções de 1942.

"ANTERO" -- II -- CARLOS DE ASSIS PEREIRA

A terceira conferência é o estudo dos "Sonetos Completos", que para o próprio Antero, representam "uma espécie de autobiografia de um pensamento e de uma memória que as memórias de Antero" (V. Carta Autobiográfica a Wilhelm).

A primeira edição dos "Sonetos" de 1861, tinha um prefácio — "A Juízo de Deus" — em que Antero faz a sua profissão de fé do soneto, a forma completa do lirismo puro, conferência à ode e à redondilha.

Antes então o Prof. Figueiredo a biografia de Figueiredo a biografia de uma pequena forma poética e sobre as suas considerações e a magistral definição dos aspectos camoniano e anteriano, há na história geral do soneto dois momentos portugueses de significação humana: camoniano ou renascentista e anteriano ou erupcionista. Figueiredo é criação de Giacomo de Lentini, poeta siciliano da floritura metade do século XII. Hoje, conforme estudos mais recentes, os seus primeiros cultores foram Dante, Petrarca, Camões. A sua introdução "sob o signo de Petrarca", em Espanha, deve-se ao Marquês de Santillana e, em Portugal, a Sá de Miranda. Teve de seus momentos desvios com o soneto heterodoxo de Shakespeare e Milton. E, no âmbito da língua portuguesa, Camões, Bocage e Antero, são os maiores miliares (V. págs. 20-21).

Os "Sonetos Completos" identificam-se com "o fim de um estilo de cultura" e representam a "história dolorosa de uma alma que sofreu desse...

fim". Divididos em cinco livros, "mas sem contar realmente na sua cronologia", estendem-se de 1860 a 1884 e abrangem 109 sonetos.

O primeiro livro está cheio de sua visão de Deus e da sua vida amorosa, "oásis amor que terá conhecido e sofrido, em toda a sua larga escala, mas que a sua alma calou". A esta primeira fase há de ligar-se os "Raios de Extinta Luz".

O segundo livro prossegue a sua aspiração e também a sua renúncia ao amor silencioso, puro e scriptoriano, mas com acenos novos e hebezas novas.

Corresponde o terceiro livro à época entusiasta dos projetos revolucionários, polémicas e conferências. E' também o período em que faz a sua profissão de fé hegeliana.

O mais negro pessimismo, com duas novas influências: o budismo e a metafísica do Inconsciente — eis o quarto livro. Os sonetos desta época, a que se articulam as "lágrimas", "devem ser um dos grandes instantes da poesia humana".

No quinto livro há como que a paralisação daquele negro pessimismo e tem-se a impressão de que Antero lêta chegar "Na mão de Deus, na sua mão direita". Conclui o Prof. Figueiredo dizendo da importância do soneto anteriano, que foi para a agonia metafísica no fim do século XIX o que foi Camões para o deslumbramento geográfico e para a intuição do homem da Renascença: "seu mais eloquente verbo poético".

"A pressa de um grande poeta" é o tema da última conferência.

O Antero passador é o complemento do Antero poeta. Se este é "a zona mais alta daquela grande dor feita homem", aquele será "o ser mais português ou mais enraizado no ambiente pátrio".

Entre o "Programa de Trabalhos para a Geração Moderna", que infelizmente se perdeu, e as "Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do Século XIX", fica, de primeiro, um conjunto de escritos de varia espécie: polémica e jornalismo.

As prosas de Antero foram reunidas duas vezes: a primeira constituiu apenas um empreendimento devido a Rodrigo Veloso. A segunda foi publicada com o título "Prosas" e saiu em três volumes, Coimbra (Imprensa da Universidade), 1923, 1928 e 1931 — propriedade e edição de Couto Martins.

Esta edição, além de não ser bem revista, atribui a Antero escritos que não são seus, "ou o serão muito problemáticamente". E algumas autênticas foram esquecidas.

Entre os escritos que "não devem ser" de Antero e cuja base de atribuição "é exclusivamente o registro feito por Joaquim de Araújo no seu *Ensaio de Bibliografia Anteriana*", figuram as "Correspondências" do "Bacharel José" e os capítulos da "Europa Princesa". Três razões levam o Prof. Figueiredo a rejeitar as "Correspondências". (Ver págs. 105 e 107).

A divisão cronológica dos...

"Prosas" é que é muito aceitável, porque de fato corresponde a datas relevantes na carreira mental do poeta".

Na Carta Autobiográfica a Wilhelm Storck, Antero diz que a natureza lhe concedera o "dom da prosa portuguesa", "mas de uma prosa que tem seu tipo na língua viva e falada hoje", e que acabara por ser citado "como modelo da prosa moderna". O que seja essa "língua falada" ou melhor, "língua falada", diz o próprio Prof. Figueiredo: "língua falada — não equivale ao falar pobre e plebeu, quer dizer, linguagem viva, que emprega o léxico diário e o mecanismo dialéctico da frase quotidiana, portanto as mesmas categorias valorativas, e o mesmo processo discursivo".

As "Tendências Gerais da Filosofia", no movimento das ideias, representam a reabilitação principalmente da metafísica, na história da literatura e a reforma da prosa portuguesa, "em sentido muito diverso do seguido por outros grandes escritores contemporâneos". Camilo. Eca de Queirós, Oliveira Martins, Ruy Belo, Orlião.

Finaliza a conferência com observações de grande beleza sobre o portugalismo de Antero e sobre a sua atualidade, "nestes dias negros".

Essas quatro conferências, em que há tantas notas subjetivas do Prof. Figueiredo de Figueiredo, estão escritas em "bela e figurante prosa", como já lembrava o Dr. Clementino Figueiredo, em artigo recente sobre este livro, "A Antero"

podiam aplicar-se aquelas palavras do crítico argentino Roberto Giusti ao apreciar as "Últimas Aventuras" ("Nosotros", Buenos Aires, Julho de 1941): "Informado, eloquente, lírico por vezes, com esse tenaz e enérgica eloquência e lirismo, que caracteriza os grandes escritores da língua portuguesa..." Tem razão Giusti, o estilo do Prof. Figueiredo de Figueiredo é fluente, grandioso e assente, muitas vezes, esse tom lírico tão peculiar à sensibilidade portuguesa.

Tenho notado que o Prof. Figueiredo de Figueiredo emprega muito a gosto as palavras — austero, dor, dolorosamente — o que me faz lembrar a preferência de Eca de Queirós pelo adjetivo "mucho".

Essas palavras tão empregadas pelo Prof. Figueiredo de Figueiredo vão bem com o seu nobre espírito — um espírito agônico, para quem a literatura é drama de consciência, sofrendo daquele "sentimento trágico da vida", que empolgava Unamuno.

E' claro, porém, que se deve tomar a palavra "austero" não no sentido formal do termo e como aparece ainda nos manuais e preceituais; mas nestas outras acepções usadas pelo Prof. Figueiredo de Figueiredo: "Um estilo e a expressão plena em espírito, que muito antes de se exprimir com palavras, se trata a sua visão da realidade, a comêta ordenada, alterou subjetivamente, "austero".

Mover daí aquela dolorosa luta do artista com seus mitos de expressão, o "Índio" —

(Continua na pag. 172)

Poesia e Suicídio Mucio Leão

NOTÍCIAS

Cada literatura possui a sua galéria de poetas e escritores suicidas. Não a temos também, no Brasil. E nela brilham, alguns das nomes mais altos de nossa terra.

Alguém que tivesse o sentido da estatística, e que se dispusesse a fazer um estudo acerca da maneira como tem morrido as mais representativas figuras literárias de nosso país, não daria informações muito curiosas.

Quando a Roberto Gomes, ele procurou seu fim num dia de festa universal, Balava a sinistra de um ano novo, toda a gente se divertia, quando ele tristemente foi buscar na morte uma consolação para a sua melancolia infinita.

Batista Cepellos, poeta gracioso e Ricardo Gonçalves, poeta cavalheiresco e romântico, mataram-se por amor.

pesar que se acumulou em sua alma se tornou insuportável, teve ele o braço e a coragem para atear a própria vida...

Quando a tuberculose, sabemos que tem arrebatado uma legião de belos espíritos em nosso país. Na época do Romantismo, quase se se morria de tuberculose. A lista dos poetas que essa enfermidade levou, no século passado e imensa. E nessa lista estão Casemiro de Abreu e Castro Alves, Alvares de Azevedo e Fagundes Varela. O mal do romantismo brasileiro, porém, não parou com o Romantismo em nosso século: a tuberculose levou, Guimarães Passos e Augusto dos Anjos, Raul de Leoni e Rodrigues de Azevedo. Tera levado muitos outros de que agora não podemos lembrar.

De todos esses suicidas literários, os mais característicos serão talvez Raul Pompéia e Hermes Fontes. Coincidência curiosa: ambos procuraram o dia de Natal para se entregarem a morte. Ambos buçaram o fim em balas de revólver. Pompéia tomou como alvo o coração, Hermes Fontes tomou como alvo a cabeça. E de calcular se ambos tiveram, durante muito tempo, a preocupação do suicídio.

Com referência a Hermes Fontes, é evidente que ele também sofreu a sedução inevitável do suicídio. Aquele que um dia exclamou este verso tão característico: — "Meus amigos perdão pela minha tristeza!" — era, podesse dizer, um homem que se votava de ha muito, a Morte... Alguns anos antes de seu suicídio, escrevera ele estas estrofes reveladoras:

SUPERSTIÇÃO H. F.

As duas iniciais do nome a que respondo te é pena que horas e horas me atarce a nesta superstição! as duas iniciais do meu nome: H. F. — tem um símbolo bom e um símbolo hedonico, um destino de herói e um de vilão.

Há no H uma escada, um degrau d'abismo, uma vaga noção de arquitetura interrompida. O F é, porém, força... peste fatal... março... ide fim de vida... quindante de almas para a sepultura para a eterna altura... para o Alem...

Para subir a força do meu F tenho ao lado uma escada, o meu H. Carrasco, magarefe, alto sa! alto sa! Por suas iniciais, meu nome ensina

Entre mim e as mortas, há o mar e os telegramas.
Há anos que nenhum navio parte nem chega. Mas sempre os telegramas fijos, ditos, sem conjunto

Na praia, e sem poder sair!
Volta, as telegramas v'im comigo.
Não se culam, a casa é pequena para um homem e tantos notícias.

Vejate no escuro, cidade enigmática
Chamas-me com urgência, estou paralisado.
De ti para mim, apelo,
de mim para ti, silêncio.
Mas no escuro nos visitamos.

Escuto voçs todas, irmãos sombrios.
No pão, no couro, na superfície
tranquila das coisas sem vida,
sinto vozes amigas, recados
furtivos, mensagens em código.

Os telegramas vieram no vento.
Quanto serão, quanta renúncia atravessaram!
Tudo homem isolado devia fazer uma canoa
e remar para onde os telegramas estão chamando.

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE



O número dos poetas e escritores brasileiros que tem morrido em desastres é, também, largo: Gonçalves Dias e Manoel de Almeida morreram em naufrágios marítimos, Ronald de Carvalho Felipe de Oliveira e Gomes Leite foram vítimas por automóveis, Marcelo Gama morreu por ter caído de um bonde.

A culpa dos suicidas é vasta. Lembrar de Raul Pompéia e Licínio Cardoso, Batista Cepellos, Roberto Gomes e Hermes Fontes.

No livro que publicou sob o título Raul Pompéia o sr. Elói Pontes reuniu um "dossier" que mostra como Pompéia andou longamente perseguido pela ideia de suicídio. Em uma de suas notas íntimas afirmava o autor do "Ateneu": "A ideia da morte é um arodissíaco poderoso". Em um dos seus artigos do "Jornal do Comércio" publicado em 29, assegurava ele: "O homem e o animal) capaz de suicídio. Tem-se logo esta definição que é a melhor apologia dos suicidas (que, hes rende bom proveito)". Acumulada uma quantidade de pesares, que cada um avalia segundo, entende o homem tem o direito de cortar: basta! Quer dizer: tem o braço e tem coragem para isso!"

Assim dizia Pompéia. E mais tarde quando a "quantidade de

que havia de ser profética se expressava Hermes Fontes. Alguém que não subiu para a força do seu F. Mas, na noite de Natal de 1911, quando a alegria era universal, quando todos os corações fremiam de comoção para a criança maravilhosa que acabava de nascer, ele, o eterno iniciado poeta sem amor, o pobre abandonado de todos, estourou a cabeça com uma bala de revólver.

a não temer pressentimentos
Ergastulo, foqueta ou guilhotina
cicuta, ópio ou morfina...
— Quem sabe a sua sina?
Quem sabe lá se há de morrer
Ipor suas mãos...
Era assim que, numa página

que havia de ser profética se expressava Hermes Fontes. Alguém que não subiu para a força do seu F. Mas, na noite de Natal de 1911, quando a alegria era universal, quando todos os corações fremiam de comoção para a criança maravilhosa que acabava de nascer, ele, o eterno iniciado poeta sem amor, o pobre abandonado de todos, estourou a cabeça com uma bala de revólver.

LOUCURA, SOFRIMENTO E

"Dai-me uma fúria grande e sonora", implora a Musa o Poeta supremo do nosso belo e desconhecido idioma. E' como se o poeta se sentisse apertadinho em seu corpo de homem, — como se a Razão tolhesse o impulso do Espírito. O poeta prefere perder-se na loucura a ficar preso ao raciocínio frio do homem comum. "Dai-me uma fúria..."

Tambem o louco ultrapassa os lugares-comuns do vulgar e tem um ar altamente poético; por isso, por ter perdido a "razão" se o homem normal é irremediavelmente anti-poético; nem mesmo quando ama ou sofre atinge a suprema loucura; fica no apale mundo, não passa de um inseto. A mesma impressão aliás que nos causa o poeta médico que não ultrapassa o nível comum e não atinge aos céus da Poesia.

Leiam este poema de um louco que costumava mandar imprimir seus versos em folhetos e os vendia pela rua, maltrapilho, com um ramo de flores vermelhas na mão (as flores ele não vendia):

A TI, LUA ENCANTADORA

Esta noite serena e tranquila
Como serena e tranquila tenho
Imbuída
A ti há tocado lua encantadora
Rainha dos astros de tua pátria.

Em noites primaveraes como
Esta noite
Quando saímos às portas de
Inossas casas
Ao ver o manto cor de neve
Que derramás de teu continente
fa outras pequenas pátrias

Por isso é que te adoramos
Astro majestoso destas pequeninas casas
Pelas noites felizes que nos traz
Tão bellissimas, tão puras e claras

Pois temos uma dúvida dos seres
Que não a temos bem clara
Se serás astro majestoso
Ou alguma nação de importâncias

Por isso esperamos esta noite,
Astro majestoso destas pequeninas casas
Que comuniqués a nós
Se és astro, nação ou qualquer
outro fantasma.

Trata-se, sem dúvida, de um mau poeta, mas que recebe da sua idiota uma aura de fresco lirismo.

Não citarei aqui os poemas da loucura de Holderlin, e de outros poetas que enlouqueceram, pois antes de serem loucos já

eram poetas, como no caso de Nietzsche, e a sua técnica anterior se pode atribuir a que de extraordinário tenham feito depois de loucos.

Há também certas coisinhas que deixam as pessoas bem ajudadas um tanto desconfiadas. Certo indivíduo muito bem posto exclamou certa vez: "Onde é que esse homem andava com a cabeça?" ao lhe referir eu que Mallarmé lamentava o fato de significar-se noite com a palavra "nuil" e dia com a palavra "jour", quando esta palavra é mais "escura" que aquela...

Ora, isto não é loucura, mas é em tudo o contrário daquilo em que poderás pensar as pessoas razoáveis. E "razão" não é mais que acomodação ao estabelecido. Mas, como diz São Paulo: "Deus criou as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias". E os sábios em geral tem ares de malucos. Os próprios santos muita loucura fizeram, alguns mesmo chexaram a jogar fora as suas riquezas. Não é o mundo governado por loucos? E o fervor religioso? E as cenas de amor? E as distrações prediletas de nós todos: o teatro, o circo, a tourada, o cinema fantasmático, os jogos, os balles, Verdadeiros espetáculos de doidos, aparições irreais, saltos mortais, corridas desesperadas atrás de uma bolinha. E as guerras, levadas tão a sério?

Bem facil é filosofar. — crítica ociosa e inutil a tudo que é sem concerto. Bem mais difficil é "criar". Por isso dou ao artista o primeiro lugar na escala humana. Um meu amigo psiquiatra (gente que pelo título e pelo ofício nos faz ficar cheios de dúvidas satias) relata (7. "Subsídios para o estudo semiológico da esquizofrenia", de Ju-

randyr Manfredini, Rio, 1935) que um de seus doentes "via sonhos acordado, de cor branca; via-se a si mesmo com um furo na testa; e um homem com uma pena cortada, um porco de forma variavel, figuras humanas movediças, uma série de outras imagens, como num cinema; tudo isso fazia travar-se um "grande combate no seu intimo" pois não compreendia por que as coisas lhe appareciam sob suas formas opostas, "firmmando contrastes", interrogava-se de todo á sua imaginação e ficava vendo um cinema dentro de si mesmo, um sonho continuo, o que o deixava em delíto". — como ele dizia.

Outro doente "tinha a impressão de que a sua cabeça tinha crescido muito, que ficara "diste tamanho", que "estava cheia de vento", que "chovia igual a uma bola esvaziando". Apesar disso, percebeu que exercia uma grande influencia nas outras pessoas; o "seu espirito saia de seu corpo e a influir nos outros". Muitas vezes perguntava aos circunstantes: "Escutem meu espirito não está incomodando voçs?" Os interpellados achavam graça, mas ele sofria pela certeza de que seu espirito estava agindo fora dele. Seu espirito frequentemente lhe fuzia, o que o deprimia, a transmitir a admiração do seu "eu" psiquico projectado á distancia. O mundo exterior, por sua vez, estava cheio de uma população estranha, que ora o insultava e fazia sofrer, ora se submetia passivamente á sua vontade".

Diz o meu amigo esquizofrenico: "O esquizofrenico deforma a realidade quer no espelho do eu e do mundo exterior; ou si, quer nos relacions entre um e outro... No centro de toda a

superestrutura esquizofrenica o que há é um desconhecimento mais ou menos profundo da realidade pessoal, da sua verdadeira posição perante o mundo e os cosmos. Todos os outros delirios da esquizofrenia decorrem desse erro substancial, que deturpa o fundamento do edifício psiquico".

Como vemos, esse médico e um poeta. Cuidado, poetas, cuidado, médico amigo. Sinto que se deturpem os fundamentos dos nossos edificios psiquicos.

Como essa literatura me parece das melhores, das mais interessantes, peço permissão para citar mais alguns trechos do médico-poeta. Conta ele de queiro "doente" que "achava estranho as pessoas que circulavam no ambiente e também achava estranho a si mesmo quando se viaha no espelho. Certa vez sentiu-se envolvido de imaginações visuais vertiginosas; alisado para um copo, viu nele um dos triângulos luminosos juxtapostos. Remetido para o Hospital de Pl., fez longa viagem de caminho, durante a qual foi "vendo" uma série de imagens, sem fixidez e caracterização ineferamente movediças; não representavam cenas nítidas, de conteúdo possível e real; era como um sonho, uma especie de cinema, em que não appareciam seres ou coisas, e apenas figuras brancas. Com frequência, de dia, quando mergulhado em suas cogitações, passava de algo rápido pela frente, que não chegava a identificar. Nos últimos meses, sentia-se poderoso, exercendo influencia sobre os outros. Algumas partes do seu corpo, como a cabeça, estavam alteradas. Tinha visões de animas que não existiam.

O pior de tudo é que esses "poetas" foram curados pelo

NOTAS DE UM ESTUDANTE -- A JUVENTUDE PROMETIDA AOS VELHOS -- João Ribeiro

A ciência alemã preocupou-se logo com esse extraordinário problema: o do rejuvenescimento da velhice.

A Alemanha durante a guerra adquiriu um vício vicioso, o "Führer", isto é, o vício das equivalências e compensações, o café, a borracha, o algodão, ou a pólvora tiveram que ser substituídos por qualquer utilidade.

Não é muito que a reaparição da juventude suscitasse pelo mundo um grande acedimento para descoberta de processos que deviam à velhice a esperança de uma moçidade instantânea.

Os velhos são lá naturalmente sempre jovens e devem tomar uma "chique" formidável.

Entre as últimas duas centrelas, depois a ler e a tempo a ler, essa apatia miraculosa, a esperança de que estão cheias de novas revistas alemãs.

Um principamento nos estudos de vulgarização de dolo de Schleich, no Velhagem de Schleich, de outubro, e ainda de Dr. Georg Wolff, de Westermann Monatsheft, de novembro que pude informar-me nas últimas investigações de famoso biólogo, professor Schleich, o genial experimentador conhecido de todo o mundo científico.

Podemos parecer, como sugeriu a ciência alemã desiludida de homens jovens pelo massacre da guerra, tratasse a ciência "post bellum", de reconstituir a moçidade perdida nos estudos de batalha, inventando o extrato de um novo Élixir de vida.

Entre outra coisa, não cuida o grande sábio se não de anunciar e rejuvenescimento da velhice, prometendo aos decrepitos e valetudinários a volta da moçidade.

É a glândula da puberdade

o seu produto e "hormone" — como lhe chamam os fisiologistas que está destinada à terrificação da velhice.

Não é, certamente, uma doutrina "post-bellum". Rejuvenesce a partir do desenvolvimento a que chegou uma longa investigação científica dos segredos da vida.

Para a molhar a um médico, a um fideiatis da especialidade escrever estas linhas que vou lá habilitamente traçando.

É feita a curiosidade de um leitor em não intencionalmente e excelsa pela bibliothèque importante.

A moçidade, porém, interessa a todos, principalmente aos velhos; e foi pensando, nestes, quase pensando em mim mesmo, que resolvi escrever por um momento os que ainda não possuem informado mais perfeitamente do assunto.

O professor Steinaeh acha possível remover experimentalmente os homens velhos e decrepitos.

Dessa possibilidade ao fato, próximo a realizar-se, não falta mais que um passo insignificante que a medicina ou a cirurgia pode vencer com segurança e suavidade.

Teoricamente, o problema está resolvido.

É realmente extraordinária essa revelação.

Temos dificuldade natural numa folha de circulação familiar, em achar modelos e perfis menos rudes para ajuizar sem cruzar nos órgãos da sexualidade, aos quais está intimamente ligado o estado do problema.

O que seria decente nas palavras de um técnico, pode parecer através de um humorista

em um humorista popular nas de

um reporter com autoridade.

Até quando isso...

O que já estava desde algum tempo realizado com as maravilhosas investigações do grande biólogo de Viena, acerca das secreções internas com as quais era possível por certos métodos de experimentação dar instintos, caracteres físicos e morais femininos a animais de sexo diferente.

Podia-se, pois, até o grau de "eroticização" fazer-se de machos, fêmeas e "vice-versa".

Essa metamorfose era possível pela descoberta do "hormone", como foi chamada a essa "materia secreta" sem cujas laços o exterior e verdadeiras na constituição do animal.

Verdes "glândulas de sexo", ou na hipótese, a hipótese, exercem esse papel de secreção de hormona endócrina, indispensável à atividade animal e a vida.

É a "matéria espiritual" por dentro.

Materialistas como o professor Schleich, nem que o "hormone" — dispersa a hipótese da alma, pois que é um criador de espírito, de paixão, de instintos de impulsos morais e do temperamento.

Este Schleich é igualmente discípulo e mestre da biologia, mas extremamente metafísico, neste seu trabalho, que é um poeta da ciência, entusiasta e moderado.

O líquido de Brown Sequard era um erro que teve duração fugaz, porque atribuía a um processo interno a inoculação, a capacidade que só possuem as glândulas de secreção interior.

As glândulas procriadoras engendram na espécie feminina capazes de fecundar.

Maçãs das células vivas e essenciais à fecundação, elas correm o perigo de desaparecerem de hoje chamam as interseções. São estas as que formam e fabricam o "hormone" que é a seiva da eroticização do organismo, seiva da puberdade. Uma vez na circulação emprega-se ao animal todos os caracteres sexuais secundários que lhe são próprios.

As experiências de Steinaeh sobre os ratos, e do rato ao homem a distância não é enorme ("Könnt sich gut mal y pense"), deixam patente esse milagre de fazer de animais velhos, decrepitos e impotentes novos seres juvenis, vigorosos e rejuvenescidos.

A experiência está feita com os ratos.

A glândula da puberdade é agora a pedra filosofal dos alquimistas e asseguram-nos a possibilidade de um novo Élixir de vida.

Nessas metamorfoses do sexo, conseguiu Steinaeh achar que, sem a destruição dos órgãos visíveis da sexualidade, é possível feminizar ou masculinizar os seres vivos, dar-lhes a pele macho, desenvolver as glândulas mamárias, diminuir ou aumentar os pelos e cabelos, arredondar as formas ou torná-las mais angulosas, modificar a voz, o temperamento, as tendências e as próprias qualidades morais; enfim, fazer do macho fêmea e da fêmea macho.

Tudo isso é já um milagre da ciência. O que excede, porém, toda a expectativa são as últimas investigações publicadas pelo sábio vienense.

Se em verdade é possível dominar o sexo e provocar uma metamorfose de tal ordem, é claro que a eroticização de um organismo envelhecido, agora por meio do "hormone" — é possível dar-lhe os perdidos impulsos sexuais e realizar duas coisas espantosas: a volta à moçidade e um adiantamento considerável de termo da vida.

Não é ainda a morte da morte, mas é já uma nova longe-

vidade fresca, e "temporaneamente apoloximada".

A frase é do próprio Steinaeh. A ligadura dos cordões seminais, num organismo decrepito, impedindo a saída do líquido renova as células intersticiais (as intercelulares) e estas criadoras do "hormone" regeneraram e revigoraram a excelente atividade da glândula da puberdade e difundem dela a arte a todo o organismo a ressurreição da idade juvenil.

A parte o aparato científico e técnico em que não podemos penetrar sem grave abuso de incompetência, eis ali onde reside e se funda a genial tentativa do grande biólogo.

Até agora as suas experiências foram feitas sobre animais.

Entretanto, há casos humanos que a ciência apresenta em confirmação das doutrinas de Steinaeh. Em homens decrépitos de mais de 70 anos, em que foi necessário operar a ligadura das cordas seminais, diz o doutor Lichtenstern, logo se observou uma volta à força juvenil de tempos antigos.

Outros casos de agora em diante, serão estudados com mais apurado interesse.

É preciso dizer que, na Alemanha, a ciência grave de um homem como Steinaeh é respeitada e acolhida com absoluto veneração. Lá é em todo o mundo.

As folhas humorísticas, porém, e o clarificantes de discussões e botânicas com lenha hument e intensidade tem-se aproximado do assunto, para vir ou para fazer diáspora.

A — Verjuengendur nach Steinaeh — dos prospectos charlatanescos não tardará a ser pedida nesta terra prolífica de drogas maravilhosas.

De mim mesmo que sou lá velho, se me fôr dado obter pela juventude, não sei se me decidiria a reconhecer...

Os artificios são sempre pitorescos e terríveis como a medicina de pau e a bobelaria política.

Ainda será talvez o "hormone" que vai sair da retina de Steinaeh.

F. S. — Naturalmente a moçidade por meio de um extrato deve interessar-se sobre tudo a operação de uma delicada e difícil, feita a profundidade de certos órgãos...

A obra recente do Steinaeh que precedeu ao livro de interesse intitulado "Verjungung durch experimentelle Neubelebung der alten Pubertätsglândule" (Berlim, Jans, Julius Springer). É uma obra técnica, em parte, uma contribuição científica que só se entende aos fisiologistas.

"ANTERO"

(Continuação da pag. 171)

quillo que chegamos a ver e não sabemos dizer".

É a quem melhor se poderia aplicar o seu conceito de estilo de que ao próprio Poeta, Póximo de Figueiredo?

Sendo a palavra "Fútil" passageiro d'uma idéa vive um son ou uma série de sons", pode expressar imperfeitamente ou mal o pensamento que a condiciona. Por isso, nem sempre tem palavras claras quem tem pensamentos claros. Vejo apenas no estilo do Prof. Fielidino de Figueiredo um caso de "espessura de pensamento", mas não o ligeiro e vestidura verbal que envolve o seu pensamento.

Além disso como verdadeiro crítico que é, o Mestre paraguês é um "criador de idéias". As idéias põe ele etiquetas, que ficam sendo outras tantas crinóides. São essas etiquetas que podem aparecer a qualquer como expressões pouco comuns.

Ao criar uma ficção ou ao gloriar uma idéa, o artista e o crítico trem o seu recubulário diário, que constitue a aparelhagem — modesta aparelhagem — de que se apertam para a luta com o seu mundo interior.

Das onze apêndices reunidos, todos de grande interesse, alguns são da lavra do Prof. Fielidino de Figueiredo e já tinham sido publicados na edição dos "Diários Associados". Porém, assim a (12), não pertencentes ao Mestre, é que me quero referir.

O primeiro é o artigo "Antero de Quental" — de Ramalho Ortigão publicado logo após a morte do Poeta, na "Gazeta de Notícias" (Setembro de 1881). Embora fosse conhecido do primeiro historiador da literatura portuguesa — Teófilo Braga (que transcreve extratos do artigo, in "As Morte das Idéias na Literatura Portuguesa", 2ª vol., Fôrte, 1882, "passim") — é a primeira vez que reproduz integralmente.

A "Advertência" ao "Teatro Póctico da Idéia" escrito e ordenado por Antero — é o segundo apêndice a que eu aludir. "Está a mão no 'Adv' rênica" constitue como que um

pêndice da moderna literatura infantil participando de forma lamentavelmente e quanto ao compilar de "Antero" editadas em Coimbra.

O terceiro apêndice é a biografia de Antero — de Coimbra — não iniciada na "Revista Extinta Luz" (passar de 1881) e só publicada em 1907, na "Instrução Portuguesa".

São três apêndices valiosos, mas do ponto de vista bibliográfico anterior.

O eminente Mestre que está em pleno fútilio da sua cabeça e fecunda caedra literária honrou o meu intellectual brasileiro com um livro em que há tantas idéias novas para o conhecimento aprofundado a personalidade literária e moral do Poeta exilado.

Quem se acõde à sombra de seu saber e a sua experiência, sente a sensação de um menino batido pelo sol no descansar sob a sombra das árvores ardoedoras e maternais.

Perfil de Ramalho Ortigão

(Continuação da pag. 166)

samente", estão sempre a bater em "paiparões plorosos". Os livros de Ramalho Ortigão são excelentes, não há nada que não saiba, quer pelo fundo, quer pela forma. Bom senso e cultura de linguagem são ali: ensinam a pensar e opinam Fortunatos.

O que eu não creio é que eles sejam um espelho uma escavação escura para se estudar a individualidade do antero.

Entendo que não se possa encarar conhecendo a Ramalho Ortigão nem no "Em Paris", nem nas "Farpas", nem na sua parte de "Método de Exatidão de Cinto", nem nas "Caldas e Pradas", nem nas "Impressões de Viagem", nem na "Holanda", nem no "John Bull", melhor do que em tudo isso, fotografada-se de nos seus depoimentos sobre a questão Vieira de Castro.

São como for, talvez só para mim um grande dia: colhi um grande homem. (A Carne.)

POESIA -- D. Milano

meu amigo médico, e, portanto, dearam de ser poetas, deixando de ter vidas, voltaram ao tapetado vazio desta vida.

Logo pensando nas aincanças voluntárias de Rimbaud, que afinal também se curou da sua "loucura" e se tornou num escritor normal. Penso na altura "supra-realista": "estado passivo, receptivo, abstracção absoluta; escrever depressa sem assunto preconcebido; a cada instante há uma frase estranha e esse pensamento coerente, que quer exteriorizar-se". A escrita automática, mediânica.

Ficou na arte "abstrata", nas ficções da pura imaginação destando-se por si mesmas, sem a intervenção da atividade consciente. Ah, era modernista no este do verso baudelaireano:

"Au fond de l'infini pour trouver du nouveau..."

Ninguém como o poeta se enche de vida sem defesa, ninguém se observa no exaite (nulo ou nulos seus irmãos), ninguém se luta com mais impeto nos abismos do arroio ilimitado, ninguém brinca tanto, como o poeta de hoje, com o delírio da imaginação, com a absoluta desconhecimento da frase lóica embrenha em obediência aparente em última no modus poeice.

coadunante numa luzinha que o sua entre as trevas do seu celotro. Ninguém tomou já atitude mais deliberadamente louca que um poeta romântico. O que é a Inspiração senão o vento da loucura? o rapto de si mesmo?

O que é a escrita automática? Invariavelmente ou a "visão" contida por um profeta? O que é o "apêndice" ou o Cântico dos Cantos? A Divina Comédia, o

Paraliso Perdido; um poema de Poe, Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud? Vrajama o jogo da literatura universal; é um brincado com palavras, um espelho de reflexos de idéias como o dos antigos mestres de cristal. Ou um fútil abstracto, como se a bela fosse a cabeça aos pontapés.

É este apelo à loucura é a única maneira de fugir à banalidade geral das conversas diárias, dos ditos e pensamentos de folhinhas que andam a boca de todos na maior parte dos livros e jornais.

De todas as coisas loucas da Poesia a mais pungente é o seguinte relato de Baudelaire: "J'ai été saisi d'une nevrálgie à la tête, qui dure depuis plus de quinze jours. Tout à l'heure, j'ai été obligé d'interrompre cette lettre pour me jeter sur mon lit, et cela est un grand travail, car je craign toujours d'entrainer avec moi les meubles auxquels je m'accroche... J'ai eu du vague dans la tête, du bruyillard et de la distraction... Reprise de crises nerveuses, de vertiges, de nausées et de écolutes. Il a fallu que je me lénne le dos pendant trois jours; car, même accroupi par terre, je tomberais, la tête en portant le corps..." Conto-nos Camille Vermeil: "Il avait des yeux brillants et des cris gourmands devant les dahlias et les tulipes aux pétales métalliques. Quelle douleur pour ses amis, quelle accélération d'un regard fúieux ou d'un rire sauvage. Il souriait de la propriété, et, si l'on peut dire, l'élegance — et il lassait peigner sa chevelure et sa barbe blanche, autour de son propre visage halluciné".

E assim terminou seus dias o Artista máximo, o Deus da poesia moderna.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

FUNÇÃO POLITICA DAS



OLIVEIRA VIANNA

Francisco José de Oliveira Vianna nasceu em Rio Seco de Siquarama, Estado do Rio de Janeiro. É filho de Francisco José de Oliveira Vianna e de dona Bárbara Rosa de Azeredo Vianna. Educou-se no Colégio Carlos Alberto em Niterói. Em 1905, formou-se pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Professor de Direito Criminal na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro desde 1918. Diretor do Instituto de Fomento do Estado do Rio de Janeiro, em 1920; Membro do Conselho Consultivo do Estado do Rio de Janeiro em 1931; Consultor Jurídico do Ministé-

rio do Trabalho, em 1932; Membro da Comissão especial para rever a Constituição Federal, em 1933; Membro da Comissão Revisora de Leis do Ministério da Justiça, em 1939; Ministro do Tribunal de Contas da República, em 1940; Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; da Academia Fluminense de Letras; dos Institutos Históricos do Pará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará; da Société des Americanistes de Paris; do Instituto Internacional de Antropologia; da Academia de História de Portugal; da Sociedade de Antropologia e Etnologia do Porto; da Academia Dominiçana de História.

SUMARIO: Sociedades americana-
autonomia dos grupos locais e mente — eis o primeiro obje-
tivos fundamentais. O tivo.
problemas da organização po-
lítica. Como se resolve em
sociedades americanas. Con-
dições entre o regime polít-
ico e a realidade social. 1 — O
problema da organização po-
lítica em nosso povo. Os dois
grandes objetivos do Estado
entre nós. Necessidade de re-
ação contra o liberalismo. Luta
entre o espírito de autarca-
de e o espírito de liberdade.
Os organizadores do poder ci-
vil e da unidade nacional. 3 —
Função política das popu-
lações do centro-sul. 4 — Nos
e os hispano-americanos. (O-
ma na nossa evolução política
se reflete o temperamento do
homem do centro-sul.

Reproduzindo, por uma sor-
tuda de relexo inconsciente, es-
sas idéias, que dominam por
inteiro o pensamento europeu,
os americanos fazem do proble-
ma da organização da liberda-
de a questão primeira e basilar
das suas edificações constitu-
cionais; e das aspirações euro-
péias as suas aspirações; e
dos odios europeus os seus pró-
prios odios.

Temem, como os europeus, a
"autoridade", que procuram
enfraquecer e embaraçar; quan-
do tudo, nessas sociedades
anarquistas, exige que a for-
taleçam, e a enrijem, e a de-
sempararem.

Temem o "poder central".
Quando nessas novas socieda-
des, esse poder nunca foi opre-
sor e sempre, ao contrário, se
fez força defensiva e protetora
dos cidadãos contra as violên-
cias e as usurpações de cau-
dilhagem local e provincial (1).

Temem a "prepotência do po-
der nacional" e querem a "so-
berania local". Quando tudo
mostra que, nessas sociedades
ainda dispersivas, fragmentá-
rias, desunidas, a questão prin-
cipal da sua política nacional é
uma questão de integração, de
unificação, de síntese.

Contra os inconvenientes des-
se liberalismo excessivo, as ve-
lhas nações europeias tinham o
corretivo provindo das suas
próprias virtudes cívicas. Es-
sas altas virtudes, formadas e
consolidadas durante o longo
período guerreiro porque pas-
saram, é que lhes asseguraram,
como ainda lhes asseguraram
hoje, com o senso profundo da
legalidade e da autoridade, o
sentimento superior e dominan-
te da unidade política. De modo
que a supremacia, que cases ve-
lhos povos foram obrigados a
dar ao princípio da liberdade,
não lhes criou o perigo de os
perturbar na ordem da sua vida
interior, nem de os desarticular
na sua integridade nacional.

Ora, destituídas dessas vigo-
rosas tradições cívicas, as no-
vas nacionalidades americanas
não podiam oferecer igual re-
sistência a essas forças da dis-
solução e da desordem. Para
elas, a adoção sistemática e
cega das instituições do libera-
lismo europeu importaria, como
importou, seguramente, no sa-
crifício inevitável desses dois
princípios vitais: o princípio da
autoridade — pela anarquia; e
o da unidade nacional — pelo
separatismo.

Separatismo e anarquia: de
um e de outro escapamos nós.
Por que?

Pela ausência, na história da
nossa formação nacional de
agentes eficazes de integração
social e integração política, o
problema principal da nossa or-
ganização, no momento da In-
dependência, é o mesmo das
outras nacionalidades latino-
americanas: de um lado, um
problema de autoridade e dis-
ciplina; de outro — um proble-
ma de concentração e unidade.

Da consistência, unidade,
consciência comum a uma na-
ção, a massa social ainda em es-
tado de ganglionar, subdividida
em aristocrática. Daí as garantias
do povo contra a usurpação
aristocrática. Daí as regras
do regime parlamentar. Daí a

Realizar, pela ação racional
do Estado, o milagre de dar a
esta nacionalidade em forma
uma subconsciência jurídica,
criando-lhe a medula da liberda-
de, os instintos viscerais da
obediência à autoridade e a
aquilo que Ihering chamou de
poder moral da idéia do Estado.
— eis o segundo objetivo
(2).

Problema, como se vê, de es-
truturação e ossificação da na-
cionalidade: trata-se de dar a
nossa agregado nacional massa,
forma, fibra, nervo, ossatura,
caráter. Problema, pois, de
condenação, de concentração,
de unificação, de síntese. Pro-
blema, portanto, cuja solução
se teria possível pela ação con-
ciente da força organizada.

Quer dizer: pela instituição de
um Estado centralizado, com
um governo nacional poderoso,
dominador, unitário, incontratá-
vel, provido de capacidade
bastante para realizar, na sua
plenitude, os seus dois grandes
objetivos capitais: — a consoli-
dação da nacionalidade e a
organização da sua ordem le-
gal.

Esta é a solução racional, orgâ-
nica, essencialmente america-
cana do problema da nossa or-
ganização política. Solução
prática e concreta, em que se re-
flectem todas as nossas neces-
sidades nacionais.

Para a sua efetuação, esta so-
lução exige, porém, tempera-
mentais para as grandes abnega-
ções do patriotismo, isto é, ca-
paces dessa coragem infinita
de contrariar ostensivamente
as idéias de liberdade, que cla-
veiam com a sua avorada e ho-
norante da polícia europeia e
que aqui são como o próprio
oxigênio da atmosfera mental,
que todos sofredamente respi-
ramos.

Dessa coragem infinita, dessa
infinita abnegação só são capa-
zes entre nós alguns tempera-
mentos privilegiados — cálmios,
frios, calculistas, náticos da
objetividade e feitos de sen-
síveis, prudência e equilíbrio.

Formam uma minoria danon-
tíssima — uma minoria de re-
fratários, altiva, orgulhosa,
cega-sombrosa, com a energia
moral suficiente para se con-
servar sobria no meio da em-
braguez geral.

Entre essas reacções arca-
icas estão as maiores figuras
da nossa história. Chamam-se
Oliveira Vianna, Bernardo de Vas-
concelos, Evaristo, Paraná, Ma-
seio, Uruguai, Ibarra, Ca-
xias, a nossa maior estada,
Rotuliam-se sob o nome de con-
servadores extremados, conser-
vadores moderados, progressi-
vistas e, mesmo, liberais moder-
dos. Todos sentem uniformi-
mente, como Vasconcelos, o
perigo da sua heróica apostasia,
o perigo que para a nossa jovem
nacionalidade há na adoção in-
condicional e imediata desses
grandes institutos liberais, que
formam o substrato do direita
público europeu de então.

Sendo, no fundo, também li-
berais, porque homens do seu
tempo, o que distingue esses
reacçãoários das verdadeiras e
puros liberais é que neles o en-
tusiasmo pela liberdade e pela
democracia não chega a turbar
nunca a consciência, que todos
temem, das nossas realidades e
dos nossos destinos americanos.

Tentam, por isso, dar, e dão efec-
tivamente, ao problema políti-
co uma solução conciliatória.
Organizam um governo monár-
quico, constitucional, unitário,
parlamentar. Com o primeiro
semi-aristocrático da vitalidade
do Senado e do Conselho
do Estado. Porque compreendem,
com a mais fútil percepção
das nossas realidades, a in-

terior, nem de os desarticular
na sua integridade nacional.

Da consistência, unidade,
consciência comum a uma na-
ção, a massa social ainda em es-
tado de ganglionar, subdividida
em aristocrática. Daí as garantias
do povo contra a usurpação
aristocrática. Daí as regras
do regime parlamentar. Daí a

BIBLIOGRAFIA DE OLIVEIRA VIANNA

- Populações meridionais do Brasil, I — São Paulo, 1920; segunda edição, 1922; terceira edição, 1933; quarta edição, 1938.
- Pequenos estudos de psicologia social — São Paulo, 1921; segunda edição, 1923; terceira edição, 1942.
- O idealismo na evolução política do Império e da República — São Paulo, 1920.
- Evolução do povo brasileiro — São Paulo, 1923; segunda edição, 1933; terceira edição, 1938.
- O ocaso do Império — São Paulo, 1925; segunda edição, 1933.
- O idealismo da Constituição, 1927; segunda edição, 1939.
- O crédito sobre o café, 1927.
- Problemas de política objetiva — São Paulo, 1930.
- Raça e assimilação — São Paulo, 1932; segunda edição, 1933; terceira edição, 1938.
- Formation ethnique du Brésil Colonial — Paris, 1932.
- Problemas de Direito Corporativo — 1933.

ALGUMAS FONTES SOBRE OLIVEIRA VIANNA

- Academia Brasileira de Letras. — Vários "Anuários"; notadamente o de 1943.
- Alfonso Taunay — "Discurso recebendo Oliveira Vianna na Academia", "Separata" da Revista da Academia, 1940.
- Cartas trocadas entre Oliveira Vianna e Otávio Amadeo. — "Autor e Livros", 4 de outubro de 1942.
- Fernão Neves — "A Academia Brasileira de Letras", página 130.
- João Ribeiro. — "O idealismo na Constituição" ("Jornal do Brasil", 10 de agosto de 1927); "Raça e Assimilação" ("Jornal do Brasil", 26 de maio de 1932).
- Paulino Neto, Marcos Madeira e Daxyl de Almeida. — "Oliveira Vianna e o Momento brasileiro" — Um volume de 55 páginas, contendo discursos de seus três autores e um agradecimento de Oliveira Vianna. — Rio de Janeiro, 1940.
- José Maria Belo — "A margem dos livros".
- Nestor Victor — "Cartas à gente nova".
- Gerardo Bezerra de Menezes — "Jornal do Comércio" de 22 de março de 1941.

CONTEMPORÂNEA -- 2.ª Série - Antologia da prosa - V - Oliveira Vianna

POPULAÇÕES DO CENTRO-SUL

... subconsciente entre os dois Estados nos novos municípios... um riozinho e os seus arredores... a grande maioria dos habitantes... sob a ação... de autoridade — a autoridade religiosa, autoridade política, autoridade administrativa, autoridade moral.

... da sua seriedade... em sua unidade revolta, a chamada "ação liberal" do país.

... de acordo com os estabelecidos... tem o poder... o poder legislativo... a autoridade... a autoridade... a autoridade...

... com os plebeus... a autoridade... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

III

... que se começa a combater a função provincial... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

MEDITAÇÃO SOBRE O CLASSICISMO

IV

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

(1) Organização da ordem legal.

(2) "Estado não pode moral da ordem do Estado..."

(3) V. Garcia Caldeira — Lei das sociedades...

(Discurso de recepção na Academia Brasileira.)

A HISTÓRIA DO POVO INGLÊS

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

... a autoridade... a autoridade...

(1) Freeman — The growth of the English Constitution, pag. 100. (2) Lambton — Histoire des origines du gouvernement représentatif, v. II.

